



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FE

**A Contribuição dos Contos de Fada para o Desenvolvimento da
Criança na Educação Infantil**

CALÍGEAN DA SILVA MESQUITA

Brasília
2016

**A contribuição dos Contos de Fada para o Desenvolvimento da Criança na
Educação Infantil**

Calígean da Silva Mesquita

Trabalho Final de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Dra. Tatiana Yokoy de Souza

Brasília

2016

A contribuição dos Contos de Fada para o Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil

Trabalho Final de Conclusão de Curso, de autoria de Calígean da Silva Mesquita, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília assinalada abaixo, sob a orientação da professora Dra. Tatiana Yokoy de Souza. Apresentação ocorrida em 06/11/2016.

Professora Dra. Tatiana Yokoy de Souza

(Orientadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professor Dr. Francisco José Rengifo-Herrera

(Examinador Interno)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Ms. Ana Clara Manhães Mendes

(Examinadora Externa)

Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude (SECRIA/GDF)

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

(Examinadora Suplente)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois toda honra e toda glória sejam dadas a ele.

Aos meus pais, Washington e Adriana, por me ensinarem o valor da educação e por todo o amor e dedicação que sempre me proporcionam.

Ao meu irmão, Guilherme, por sempre me apoiar e amparar em todos os momentos.

A toda minha família, meus avós, tios (as), primos (as), que sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

Aos meus amigos, por sempre me incentivarem.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

A Maria Cleide Lisboa Tavares, por acreditar em mim e ter contribuído para que esse sonho tenha se tornado realidade.

E é claro, a minha querida orientadora professora Dr. Tatiana Yokoy de Souza que, com todo o seu auxílio, disponibilidade de tempo e material, me orientou da melhor maneira para que esse trabalho tenha se tornado realidade.

A todos, o meu reconhecimento.

RESUMO

O presente trabalho procura analisar a contribuição dos contos de fada para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, destacando-se as influências dos contos na subjetividade e no imaginário das crianças. Procurou-se enfatizar a importância dos contos como prática pedagógica para educadoras da Educação Infantil, a partir da fundamentação epistemológica e metodológica de base sociohistórica. Buscou-se analisar a articulação entre pensamento e linguagem, a partir das ideias de Vygotsky e autores que partem desse aporte. O trabalho foi realizado através de uma pesquisa de campo, em uma escola de Educação Infantil. Os participantes foram 11 crianças de 3 anos de uma mesma turma, a professora regente da turma e a coordenadora da escola, além da própria pesquisadora. Com as crianças, a coleta dos dados se deu em três sessões de contação de histórias e, com as educadoras, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. As análises da pesquisa foram inspiradas na proposta de Aguiar e Ozella (2006) de núcleos de significação para a organização e análise de materiais qualitativos. Os resultados encontrados mostram que os contos de fadas proporcionam a descoberta de um mundo novo, que, ao mesmo tempo, se relaciona com cenas fictícias e com a realidade concreta em que a criança está imersa, influenciando no seu desenvolvimento integral. Verificou-se que ainda é necessária uma maior valorização dos contos de fadas na Educação Infantil, considerando a sua importância no desenvolvimento das crianças.

Palavras chave: contos de fada; desenvolvimento infantil; perspectiva sociohistórica.

ABSTRACT

The present work seeks to analyzing the contribution of the fairy tales to child development in Childhood Education, emphasizing the influences of these stories to the subjectivity and to the imaginary of children. We sought to highlighting the importance of the stories as a pedagogic practice for educators of the Childhood Education, based on an epistemological and a methodological sociohistoric perspectives. The articulation between thought and language was analyzed, based on the ideas of Vygotsky and sociohistorical researchers. This work was accomplished through a field research in a school of Childhood Education. The participants were a group of thirteen 3-year-old children, the regent teacher of the group and the pedagogical coordinator of the school, besides the researcher herself. The data collection involved three sessions of fairytale storytelling and semistructured interviews with the educators. The data analysis was inspired by the model of “meaning cores” of Aguiar and Ozella (2006) to organize and to analyze qualitative material. The results show that fairytale storytelling provides to children the discovery of a new world which, at the same time, relates to fictional scenes and to the concrete reality in which the child is immersed, influencing its integral development. It is still necessary a larger valorization of the fairy tales in Childhood Education, considering its great importance to children development.

Key words: fairy tales; child development; sociohistoric perspective.

SUMÁRIO

	Páginas
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Sumário	vii
Apresentação.....	1
1. Revisão da Literatura	5
1.1. A Educação Infantil	5
1.2. A Perspectiva Sociohistórica e o Desenvolvimento Infantil	6
1.3. Os Contos de Fada	10
2. Objetivos	12
2.1. Geral	12
2.2. Específicos	12
3. Metodologia	13
3.1. Contexto da Pesquisa	16
3.2. Participantes	18
3.3. Materiais e instrumentos	19
3.4. Procedimentos de construção de dados	19
3.5. Procedimentos de análise dos dados	21
4. Resultados e Discussão	23
4.1. Nível 1 de análise: entrevistas com educadoras	23
Núcleo 1: A percepção de educadores sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil	23
Núcleo 2: A concepção da criança enquanto um ser ativo, histórico e social ...	24
Núcleo 3: Práticas pedagógicas que usam contos de fada para a promoção de subjetivação e funções psicológicas superiores	24
Núcleo 4: Importância institucional atribuída ao Projeto “Resgatando os Contos de Fada”.....	25
Núcleo 5: A construção de conhecimentos científicos por meio da participação em práticas de contos de fadas	26
Núcleo 6: A narração de contos de fada como metodologia de avaliação pedagógica	26
Núcleo 7: A pouca valorização familiar dos contos de fada na Educação Infantil	27
4.2. Nível 2 de análise: “Horas do Conto”	29
Núcleo 1: O desenvolvimento afetivo: “Eu tenho muitos amigos!”	29
Núcleo 2: Ideais de beleza promovidos pela cultura brasileira e legitimados	32

na cultura escolar: “Eu sou uma princesa, né?”	
Núcleo 3: Relações familiares: “Minha mãe me dá beijos de amor!”	35
Núcleo 4: Promoção de comportamentos pró-sociais: “Minha mãe me dá presentes, quando eu obedeco”/“Eu fico de castigo, quando faço feiura”	37
5. Considerações Finais	40
Referências Bibliográficas	44
Apêndices	46
Apêndice A–Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- Familiares e/ou responsáveis	46
Apêndice B – Roteiro de contos: Conto 1) A Bela e a Fera; Conto 2) Chapeuzinho Vermelho; e Conto 3) O Gato de Botas	47
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para entrevista- professora e coordenadora pedagógica	50
Apêndice D – Roteiro de entrevista- professora	51
Apêndice E – Roteiro de entrevista- coordenadora pedagógica	52

APRESENTAÇÃO

Início a apresentação do meu trabalho com um memorial descritivo sobre a minha trajetória escolar e acadêmica enquanto futura pedagoga. Além disso, apresento como eu desenvolvi o meu interesse pelo tema investigado em meu Trabalho Final de Conclusão de Curso, ou seja, a promoção do desenvolvimento de crianças por meio de Contos de Fadas na Educação Infantil.

Eu entrei com 4 anos de idade na Escola Infantil Ponta do Lápis, onde fiz a minha Pré-Escola. A Escola era próxima da minha casa e, segundo relatado por meus pais, se eles deixassem, eu ia sozinha à Escola, pois era um contexto do qual eu gostava muito. Logo no primeiro dia de aula, quem chorou foi minha mãe, porque eu me despedi deles e entrei para a sala de aula como se eu já conhecesse aquele ambiente há anos. Eu adorava a escola, as salas e a minha professora. Lembro que era muito carinhosa e receptiva. Eu gostava das brincadeiras e principalmente das atividades de pintura e colagem. Apesar de ter estudado apenas dois anos nesta escola, fiz muitos amigos e me lembro destes momentos com muito carinho.

Depois, fui para a Escola Classe Zoobotânica iniciar o Ensino Fundamental. Logo na segunda semana de aula, a professora chamou minha mãe, pois, segundo ela, eu já estava muito à frente da turma; ela sugeriu que eu avançasse da primeira para a segunda série do Ensino Fundamental. Eu passei no teste de nivelamento, mas minha mãe não autorizou que eu fosse para a segunda série, pois, segundo ela, eu tinha que passar por todas as etapas educacionais. Nesta Escola, fiz até a 4ª série e vivi muitos momentos marcantes. Um que eu me lembro exatamente foi o dia em que um grupo de amigas e eu nos apresentamos na Mostra de Talentos. Montamos um grupo *cover* da banda *Rouge* que, naquele momento, era a sensação entre as crianças, e apresentamos a música mais famosa delas “Ragatanga”. Esse dia foi incrível e fizemos uma apresentação perfeita. Nessa escola fiz grandes amizades, com as quais tenho contatos até hoje.

O ano seguinte foi ano de mudanças. Posso afirmar que foram algumas das maiores mudanças da minha vida, pois, pela primeira vez, fui estudar longe de casa. Eu morava na Candangolândia e fui estudar na Asa Sul, no Polivalente, considerada uma das melhores escolas públicas do DF. Além de ir estudar longe de casa, começava outra etapa da minha vida, na qual existia um professor para cada matéria e, nesta escola, os alunos mudavam de sala. No início, foi difícil, mas, com o tempo e a ajuda dos meus pais, consegui me adaptar aos novos roteiros

escolares. Fui aluna destaque por muitos semestres e representante de sala. Também fui capitã do time de vôlei da turma na sétima série e, junto com o meu time, ganhamos os Jogos Internos daquele ano. Na sétima série, fiz parte do grupo de Teatro da Escola e fui protagonista de uma peça de comédia que apresentamos até para outras escolas.

No começo foi difícil me adaptar. Senti medo; existiram dias em que cheguei em casa chorando. Mas, depois, fui me acostumando, fazendo amizades e, assim, me tornei bastante participativa nos eventos e atividades da escola. Posso afirmar com toda certeza que foram nesses quatro anos, da 5ª à 8ª série, que cresci, amadureci e me tornei uma pessoa responsável e independente em várias áreas da minha vida.

Nesta escola, só existia até a 8ª série e, logo depois, a transferência era automática para o CEMSO (Centro de Ensino Médio Setor Oeste). Eu me lembro exatamente que, quando entrei nesta escola para fazer o Ensino Médio, um novo diretor assumia a direção. Posso afirmar que foi sorte minha, pois esse novo diretor impôs regras novas à escola; considero que isso foi algo de grande importância, pois estávamos na adolescência. Nesta escola, também fui representante de sala, mas minhas participações em eventos e atividades foram menores, pois estava focada em outra fase que estava iniciando: a preparação para o PAS- Programa de Avaliação Seriada e para o Vestibular.

Quando concluí o Ensino Médio, fiz o meu primeiro vestibular para a UnB. Ainda não tinha minha profissão totalmente definida. Prestei vestibular para Ciência Política e não passei. Eu me senti bastante frustrada, principalmente porque muitos amigos meus, que concluíram o Ensino Médio comigo, passaram.

Decidi não desistir e, analisando minha nota, busquei outras possibilidades de curso, dentre os quais me interessei pela Pedagogia. Passou um filme na minha cabeça: quando criança, sempre brinquei de escolinha com as minhas bonecas; eu montava uma sala de aula no meu quarto; fazia diário com chamadas e vários nomes. A outra profissão com a qual eu brincava muito quando criança era de médica, mas minha nota não estava compatível com esse curso. Devido à pressão em casa e a minha própria pressão, eu precisava passar no próximo vestibular.

Conversei com o meu pai, que sempre foi muito participativo na minha vida escolar. Ele cobrava muito de mim, sempre dizia que os estudos eram algo que ninguém nunca ia poder me tirar e era a melhor coisa que ele e a minha mãe poderiam me proporcionar. Então, ele me deu o seguinte conselho, quando eu perguntei que profissão escolher: “Filha, escolha fazer algo que

vá contribuir da melhor maneira possível para o bem da sociedade; algo que vai transformar a sociedade para o bem”. Então, não tive dúvida e prestei vestibular para Pedagogia da UnB.

Quando saiu o resultado do vestibular, confesso que estava muito ansiosa e nervosa. Foi o meu irmão quem olhou resultado. Ele sempre esteve comigo em qualquer situação, sempre pude contar com ele. Então, eu fechei os olhos e ele falou: “Cal (meu apelido na família), pode abrir os olhos. Você passou!”. Senti como se tivesse tirado um caminhar das minhas costas. Só acreditei que realmente tinha passado quando, no primeiro dia de aula, vi meu nome na chamada. Desse dia em diante, eu iniciava a minha vida acadêmica.

E de lá até hoje foram cinco anos. Exatamente cinco anos de muitos aprendizados, descobertas, desafios. Existiram momentos em que eu quis desistir, mas, graças Deus e à minha família e meus amigos, eu fui até o final. Me lembro exatamente do meu primeiro dia de aula e guardo com carinho a lembrança de cada professor que contribuiu para a minha formação. Tenho também guardado cada evento, semanas universitárias e palestras das quais participei.

Em 2014, no sexto semestre, comecei a estagiar em uma escola de Educação infantil, localizada no Jardim Botânico, como professora auxiliar, em uma turma com crianças de 3 anos de idade. Naquele tempo, fui contratada especialmente para auxiliar a professora com um aluno que apresentava características de autismo. Desde então, meu contrato tem sido renovado e, nesse período, trabalhei com estudantes de 2, 3 e 4 anos. Atualmente, auxilio em uma turma de Maternal II com 13 alunos de 3 anos. Assim que comecei a estagiar nessa escola, foi contratada uma nova coordenadora pedagógica que, desde então, introduziu novos projetos para a escola. Um destes projetos que despertou o meu interesse é o Projeto “Resgatando os Contos de Fada”. Além disso, ali existe a “Hora do Conto”, que é uma atividade de contação de histórias que acontece três vezes na semana, no final do dia. Durante esta atividade, eu percebi o interesse das crianças pela literatura infantil, principalmente por contos de fada.

Após participar do primeiro Projeto “Resgatando os Contos de Fada”, aumentou o meu interesse em investigar melhor o tema, de modo a conhecer mais profundamente a importância dos contos de fadas para a promoção do desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Me interessei pela promoção da subjetividade e do imaginário infantil por meio dos contos de fadas. Os contos de fada parecem possuir um importante impacto nas crianças; conduzem as crianças a descobrir a sua identidade e a desenvolver seu caráter. Além disso, enquanto futura pedagoga, penso que é importante questionarmos, no contexto da Educação

Infantil, a maior valorização dos campos de Linguagem, Matemática e Artes, em comparação aos contos de fada, que são apenas trabalhados no final do dia.

Na Universidade, uma área que chamou minha atenção e despertou o meu interesse foi a Psicologia da Educação; a minha primeira matéria de psicologia foi Perspectiva do Desenvolvimento Humano, com a professora Viviane Legnani. Ali, vejo o princípio do meu interesse e influências sobre as minhas escolhas de Projetos no curso de Pedagogia da UnB e, principalmente, pelo tema investigado ao longo do meu Projeto V, cujo produto final é aqui apresentado.

Depois que comecei a estagiar, sempre procurei conciliar a teoria com a prática. Vygotsky é um teórico que sempre me ajudou nas minhas reflexões e o método que a escola em eu que atuo usa é o sociointeracionista. Nesta visão, o desenvolvimento humano ocorre nas relações e nas trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação.

Assim sendo, verifico que meu interesse pelo tema investigado se desenvolveu ao longo de toda a minha trajetória de desenvolvimento, em especial, a partir de disciplinas cursadas e da minha participação nos Projetos na UnB. Este Trabalho Final de Conclusão de Curso é resultado de toda esta minha trajetória escolar, acadêmica e profissional, na qual a Educação tem se articulado com a promoção de processos de desenvolvimento humano.

A seguir, apresento a Revisão de Literatura deste Trabalho, que se compõe por 3 seções: a primeira apresenta a Educação Infantil; a segunda, a compreensão de desenvolvimento infantil a partir da perspectiva sociohistórica; e, por fim, seção sobre a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1. A EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil, de acordo com o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, é a primeira etapa da Educação Básica, orientada para crianças até 6 anos de idade e cuja finalidade central é o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, de modo a complementar a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010), a Educação Infantil pública deve ser garantida pelo Estado e sua oferta deve ser gratuita, de qualidade e sem requisito de seleção. Ela é disponibilizada em creches, para crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas, para as crianças de 4 a 5 anos, nos turnos integral, diurno ou parcial. A criança deve ser obrigatoriamente matriculada na Educação Infantil a partir de 4 anos de idade, completados em 31 de março do ano em que a matrícula for efetuada.

Conforme o artigo 19 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), as escolas de Educação Infantil podem ser públicas (do governo federal, estadual, distrital ou municipal) ou privadas (geridas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado). As escolas de Educação Infantil podem fazer parte de dois grupos: as que geram fins lucrativos e as comunitárias, confessionais e filantrópicas (que não geram fins lucrativos).

As propostas pedagógicas da Educação Infantil se orientam por princípios éticos, políticos e estéticos, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010). Os princípios éticos incluem a autonomia, a responsabilidade e a solidariedade, além do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Já os seus princípios políticos se associam aos direitos das crianças à cidadania, ao exercício da criticidade e ao respeito à ordem democrática. Por fim, os princípios estéticos da Educação Infantil remetem ao desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão, em suas diferentes manifestações artísticas e culturais.

As escolas de Educação Infantil, em sua proposta pedagógica, devem garantir o cumprimento pleno de sua função sociopolítica, ou seja, conceder meios e formas para que as crianças desfrutem de seus direitos civis, humanos e sociais, compartilhando e complementando

o cuidado e a educação com as famílias. Devem garantir também o cumprimento pleno de sua função pedagógica, proporcionando oportunidades iguais referentes a bens culturais e as possibilidades de vivência da infância, entre as crianças de diferentes classes sociais na educação.

Assim sendo, a Educação Infantil é a primeira etapa educacional na vida de todos. A sua proposta curricular possui as interações e a brincadeira como eixos norteadores, garantindo às crianças: experiências que promovam o conhecimento de si e do mundo; imersão em diferentes linguagens; confiança; e a sua participação em atividades individuais e coletivas, estimulando a curiosidade, a exploração e o encantamento.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010), as instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação. Considerando o tema investigado neste Trabalho Final de Conclusão de Curso e os nossos objetivos, destacamos que processo de avaliação realizado nos anos da Educação Infantil é feito qualitativamente de forma descritiva, por meio de relatórios, fotografias, desenhos, portfólios, através de observação crítica e criativa das atividades. Esta avaliação visa valorizar o processo de desenvolvimento e as experiências das crianças nas atividades pedagógicas desenvolvidas. Nas análises que serão realizadas neste Trabalho Final de Conclusão de Curso, os contos de fada se apresentam como uma ferramenta muito fértil para o processo de avaliação na Educação Infantil, conforme veremos nos procedimentos de análise dos dados deste trabalho.

1.2. A PERSPECTIVA SOCIOHISTÓRICA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A perspectiva sociohistórica tem suas origens nos estudos de Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), na década de 1920, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Vygotsky desenvolveu estudos que demonstravam a centralidade da mediação simbólica via signos e instrumentos culturais e da mediação social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (SOUZA, 2010). Algumas das principais teorizações vygotksyanas sobre desenvolvimento humano que interessam aos nossos objetivos são: a concepção da criança como ser sociohistórico; a importância da mediação social; a articulação entre linguagem e pensamento; a interação entre aprendizado e desenvolvimento; as funções psicológicas

superiores; a construção de conceitos científicos a partir de conhecimentos espontâneos; e a importância do brincar.

Conforme Mendes (2011), em sua própria construção enquanto sujeito sociohistórico, o ser humano se relaciona com a história e a cultura em que está inserido e da qual participa. Age no mundo causando transformações históricas, modificando e sendo modificado no contexto em que vive.

Neste trabalho, compreendemos a criança a partir de uma ótica sociohistórica. Consideramos que não existe uma natureza infantil, mas a condição de ser criança em uma dada cultura e em um dado espaço e tempo, que, somados aos fatores biológicos, produzem a realidade e a subjetividade infantil. Em nossa cultura, por exemplo, é por volta dos dois ou três anos que as crianças começam a adquirir independência com relação aos seus sentimentos e desenvolvem a noção de autoconceito, gerando, assim, um comportamento pró-social no meio em que vive. Comportamentos pró-sociais são aqueles que as crianças tomam, voluntariamente, para ajudar os demais, sem a expectativa de recompensa. São considerados comportamentos pró-sociais, por exemplo, a empatia e a reciprocidade (CARLO E KOLLER, 1998; KOLLER E BERNARDES, 1997).

Vygotsky confere grande importância à mediação social na compreensão de desenvolvimento humano, como enfatizado ao longo de toda a obra “Formação Social da Mente” (2007). As explicações inatistas- maturacionistas criticadas por Vygotsky assumem premissas de evolução progressiva e de acumulação quantitativa e explicam o desenvolvimento como produzido por mudanças graduais e por rupturas (MENDES, 2011). No entanto, ele afirma que os sujeitos se constituem na e a partir da complexidade das relações sociais, o que se contrapõe às análises do desenvolvimento como derivadas prioritariamente por conta da maturação biológica.

As funções psicológicas superiores, de acordo com Tosta (2012), são as funções que representam o comportamento consciente do homem, de acordo com as experiências que ele vive, das suas relações com o mundo, mediadas via instrumentos físicos e simbólicos. São funções psicológicas superiores, por exemplo, a capacidade de planejar, a memória seletiva, o pensamento abstrato, controlar conscientemente o comportamento.

O pensamento e a linguagem, bem como o desenvolvimento e a aprendizagem, estão inter-relacionados desde o momento do nascimento, de modo que o aprendizado gera o desenvolvimento (VYGOTSKY, 2007a). Esta ideia é muito importante no contexto da Educação

Infantil, pois, os meios físicos e sociais influenciam no aprendizado das crianças, de modo que elas chegam às escolas com uma série de conhecimentos adquiridos e, na escola, desenvolverão outro tipo de conhecimento.

Os conhecimentos podem ser divididos em dois grupos. Os ‘conceitos cotidianos ou espontâneos’ são adquiridos por meio da experiência pessoal, concreta e cotidiana e são caracterizados por observações, manipulações e vivências diretas da criança. Já os ‘conceitos científicos’ são adquiridos por meio da participação em atividades sistematizadas, como as realizadas nas salas de aula, e não são diretamente acessíveis à observação ou ação imediata da criança. A escola tem papel fundamental na formação dos conceitos científicos, proporcionando à criança um conhecimento sistematizado de algo que não está relacionado à sua vivência direta e o acesso ao patrimônio cultural da sociedade da qual a criança está inserida. (COELHO e PISONI, 2012).

Segundo Vygotsky (2007b), a linguagem tem uma importante atribuição no desenvolvimento do sujeito, pois o indivíduo se torna um ser social integrando a linguagem com as experiências históricas. A linguagem é instrumento fundamental no processo de subjetivação. Os signos são instrumentos psicológicos constitutivos do pensamento e da ação humana, tanto para a comunicação quanto funcionam como meio de atividade interna.

Os significados são produções históricas e sociais relativamente estáveis, que permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências; constituem o ponto de partida para a construção de zonas de sentido, por meio de um trabalho de análise e interpretação. Já o sentido é mais amplo que o significado, pois se articula a eventos psicológicos que o sujeito produz frente a uma dada realidade. O sentido, diferentemente do significado, não se submete a uma lógica racional externa e se associa a necessidades que mobilizam o sujeito; sentidos destacam a singularidade de cada sujeito, que é historicamente construída. O indivíduo transforma o social em psicológico, criando, assim, a chance do novo emergir. (VYGOTSKY, 2007b).

“A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele”. (AGUIAR E OZELLA, 2006, P. 228).

Assim sendo, para se compreender o movimento do pensamento, em uma visão sociohistórica, é necessário analisar sentidos e significados, conforme explicaremos na seção em que a Metodologia é apresentada.

Considerando o tema investigado neste Trabalho Final de Conclusão de Curso e os nossos objetivos, compreendemos que os contos de fada podem ser importantes ferramentas tanto para a promoção do desenvolvimento de funções psicológicas superiores das crianças quanto para a construção de conceito científicos a partir de conceitos espontâneos. As práticas culturais da Educação Infantil que utilizam os contos de fada envolvem situações dirigidas em que os educadores e as próprias crianças realizam mediações sociais diversificadas e enriquecedoras para a escolarização infantil e para a promoção do desenvolvimento e da subjetividade de todos os participantes.

As situações de contos de fadas, além disso, realizam inúmeras mediações simbólicas promotoras do desenvolvimento e de subjetivação das crianças, empregando signos e instrumentos culturais, promovendo o imaginário das crianças, propiciando fundamentos para a compreensão da realidade e da sua formação psíquica, por exemplo, ajudando a solucionar os conflitos internos das crianças. De acordo com Coelho e Pisoni (2012), por meio da construção de um imaginário, a criança pode estabelecer regras do seu cotidiano real e pode realizar seus desejos.

Uma importante dimensão apontada por Vygotsky (2009) se refere ao ato de brincar como importante fonte de promoção de desenvolvimento. A brincadeira se apresenta como uma objetivação da atividade de imaginação criadora. Ao vivenciar uma situação de faz de conta, o sujeito cria fantasias, cujo produto é expresso pela própria atuação no jogo. No caso dos participantes da Educação Infantil, os produtos das fantasias criadas podem ser expressos pela maneira em que a criança constitui os elementos fantásticos da brincadeira. A fantasia vivenciada no faz de conta também pode ser vivenciada pela criança por meio de representações, a partir do seu envolvimento em práticas de arte literária. A contação/criação de histórias proporciona um contexto favorável à criação de situações imaginárias que são sentidas tanto pelo leitor/narrador da história e pelo ouvinte (MENDES, 2011).

Dessa forma, considera-se que as brincadeiras e os contos de fadas atuam como uma experimentação de emoções, desejos e situações que não necessariamente poderiam ser vivenciadas em sua concretude. Estes elementos influenciam também na formação da

personalidade das crianças, pois, através deles, poderão formar-se e se informar sobre a vida e os ambientes que as cercam.

1.3. OS CONTOS DE FADA

Conforme histórico realizado por Sousa, Oliveira e Bezerra (2012), os contos de fadas são uma variação dos contos populares que surgiram a partir dos mitos e tradições orais, narrados para animar as noites dos camponeses durante a Idade Média. As primeiras histórias não se destinavam às crianças; eram narrativas que expressavam conflitos entre os seres humanos e a natureza. Foi na França, no século XVII, que os primeiros relatos de contos de fadas destinados às crianças surgiram, publicados pelo poeta e advogado Charles Perrault (1628- 1703). Perrault não criou os contos, mas os editou para o público infantil (FARIAS e RUBIO, 2012).

Conforme o tempo foi passando, os contos de fada foram ficando cada vez mais populares, tão populares quanto as peças de teatro e saraus, até tornarem-se o novo modismo na França. Com isso, surgiram novos autores que se basearam em tradições populares para escrever novos contos de fada; dentre eles, destacam-se os irmãos Grimm, Jean de La Fontaine e Hans Christian Andersen (ALENCASTRO, 2016).

De acordo com Cristo (2013), os contos de fadas possuem uma estrutura mais simples que os mitos e as lendas, que contém conteúdos mais ricos do que a moral encontrada no gênero de fábulas. Os contos de fadas costumam encantar as crianças despertando diversos sentimentos e promovendo valores. Algumas características marcantes dos contos de fadas são apresentadas na Wikipédia: os discursos diretos; finais felizes, na maioria das vezes; livros com muitas ilustrações; narrativas movimentadas e cheias de imprevistos; núcleo problemático em que o herói ou a heroína buscam a realização pessoal; e a presença frequente de seres fantásticos, magias e encantamentos.

Os contos de fadas geralmente começam com uma situação difícil para um herói ou heroína, que tem que lidar com vários sentimentos simultâneos, com sofrimento e o medo diante do desconhecido. Esses sentimentos surgem por meio dos problemas que esse herói ou heroína tem que superar. Em geral, os contos de fada apresentam conflitos que fazem parte do cotidiano humano, como a separação, a insegurança e os modos de lidar com dificuldades.

Assim, os contos de fada possuem uma estrutura que permite que as crianças elaborem seus sentimentos e suas emoções. Os contos de fadas conduzem as crianças a descobrirem a sua identidade e a desenvolverem sua subjetividade. A criança, ao ouvir um conto, associa ao seu enredo as suas aprendizagens, fazendo interferências e desenvolvendo pensamento reflexivo. Isto a leva a um crescimento pessoal e favorece novas leituras de mundo.

Após apresentarmos nossas compreensões sobre a Educação Infantil e sobre os contos de fada, além da nossa fundamentação na perspectiva sociohistórica, apresentaremos, na sequência os objetivos deste trabalho e os procedimentos metodológicos adotados.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL:

Identificar as contribuições dos Contos de Fada para o desenvolvimento de crianças de 3 anos, no contexto do Projeto “Resgatando os Contos de Fada”, realizado em escola de Educação Infantil.

2.2. ESPECÍFICOS:

- Analisar exemplo de prática pedagógica concreta (“Horas do Conto”) que emprega contos de fada para a promoção das aprendizagens e do desenvolvimento de crianças no contexto da Educação Infantil;
- Analisar a percepção de educadores sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil, por meio da realização de entrevistas narrativas semiestruturadas com professora e coordenadora pedagógica;
- Analisar a percepção de educadores sobre a importância atribuída aos contos de fada pelos familiares e/ou responsáveis pelas crianças em nossa cultura escolar, quando comparada com a valorização dos campos de Linguagem, Matemática e Artes;
- Identificar as contribuições dos contos de fada para o desenvolvimento da subjetividade, do imaginário e de funções psicológicas superiores de crianças de 3 anos, a partir de rodas de contação de histórias;
- Contribuir para a valorização de atividades pedagógicas que usam contos de fada como metodologia de promoção do desenvolvimento integral das crianças.

3. METODOLOGIA

Esse capítulo visa apresentar a metodologia desenvolvida ao longo do processo da pesquisa realizada. Primeiro, serão apresentadas considerações sobre diretrizes metodológicas para a pesquisa com crianças; a metodologia de entrevistas; e a análise de núcleos de significação, coerentemente com os princípios sociohistóricos adotados neste trabalho. Na sequência, apresentamos o contexto da pesquisa; seus participantes; e os materiais e instrumentos utilizados. Depois, são detalhados os procedimentos de construção dos dados e os procedimentos de análise dos dados.

Silva, Barbosa e Kramer (2005) nos trazem importantes diretrizes metodológicas para a pesquisa com crianças, com base na obra de Bakhtin e de Vygotsky. Dentre estas, se destacam: ver e ouvir; valorizar a narrativa; e a escuta sensível. Elas propõem que, na análise de situações de pesquisa com crianças, é fundamental analisar os discursos produzidos em diversos tipos de interação das quais participam as crianças (ex: entrevistas, brincadeiras, diálogos entre crianças, diálogos entre crianças e adultos, experiências culturais). Ademais, é preciso considerar as especificidades dos gêneros discursivos de adultos e de crianças, que implicam em diferentes modos de enunciação, de apropriação, de produção e de usos da linguagem (SILVA, BARBOSA e KRAMER, 2005).

O texto da pesquisa com crianças idealmente precisa explicitar: as condições de produção do discurso; o lugar social do pesquisador (posição de onde fala/escuta); as marcações de idade, gênero, classe social, etnia, tamanho; as interações, falas, ações, diálogos e movimentos. Deve-se considerar a influência dos sistemas ideológicos abrangentes (ex: cultura, religião, ciência etc.) na produção de sentidos ao longo das experiências cotidianas das crianças e dos seus parceiros interativos.

Procuramos atender estes desafios, por meio da análise dos diálogos entre as crianças e entre as crianças e os adultos e da apresentação de perfis com a trajetória de todos os participantes de pesquisa, para evidenciar as condições de produção dos discursos e problematizar implicações educativas derivadas dos lugares sociais da criança e do adulto na nossa sociedade. Além disso, evidenciamos a concepção de linguagem que orienta a presente pesquisa e do lugar social e político de qual falam ou agem os interlocutores que participam da construção dos textos analisados, evidenciando relações de poder, desigualdades e modos de

exercício da autoridade. Na apresentação deste trabalho, é ofertado um memorial descritivo a respeito da trajetória da futura pedagoga que é a pesquisadora e todos os demais participantes da pesquisa são caracterizados neste Trabalho.

Na nossa pesquisa, convergimos com as compreensões de Bakhtin e de Vygotsky sobre linguagem, sendo que esta última fora apresentada anteriormente na revisão da literatura. Bakhtin (1895-1975), citado em Silva, Barbosa e Kramer (2005), entende a língua como sendo parte de um evento social de interação verbal, fazendo com que a linguagem seja uma prática social permeada por tensões. Foram analisadas as falas das crianças durante a narração dos contos de fadas, levando em conta suas experiências culturais, a imaginação e seus sentimentos.

Trata-se de uma pesquisa com um material qualitativo, de fundamentação sociohistórica. As entrevistas são consideradas por Aguiar e Ozella (2006) como procedimentos recomendados para investigações sociohistóricas, por possibilitar acesso a negociações de sentidos e a significados. De acordo com Souza, Branco e Lopes de Oliveira (2008), na pesquisa qualitativa, ao se assumir que a narrativa possui papel central na organização do pensamento e da subjetividade, a entrevista possui papel privilegiado na construção de conhecimentos, seja ela aberta ou semiestruturada. A entrevista é compreendida como um espaço dialógico intencional, permeado de significados e sentidos que são co-construídos, no qual a qualidade do vínculo entre entrevistador e entrevistado é de fundamental importância. Os roteiros de entrevista, no viés da pesquisa qualitativa, são flexíveis; o entrevistador oferta empatia e o diálogo é aberto de modo a favorecer a emergência de novos pontos de vistas.

Nesta pesquisa, interessava conhecer os pontos de vista de educadoras de crianças sobre as contribuições dos contos de fada para o desenvolvimento de crianças da Educação Infantil. Escolheu-se o uso da entrevista semiestruturada, pois a pesquisadora assumiu que este formato favoreceria a emergência de significados e sentidos de forma mais livre e que as respostas não estariam condicionadas a um padrão de alternativas.

Os procedimentos de análise dos dados desenvolvidos neste Trabalho foram inspirados na análise de núcleos de significação para entrevistas, segundo Aguiar e Ozella (2006). Esta proposta de análise converge com as postulações vygotskianas, em que o sujeito é compreendido em uma relação dialética com o âmbito social e com a temporalidade histórica, que se constitui na e pela atividade. Desse modo, “indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si, mas uma relação onde um constitui o outro” (AGUIAR E OZELLA,

2006, p. 224). Assim sendo, a criança é aqui compreendida como um ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, que constitui sua singularidade através das mediações sociais, por exemplo, pelas mediações sociais e simbólicas realizadas por meio da narração de contos de fada nas atividades realizadas na Educação Infantil.

A partir da articulação entre significados e sentidos, apresentados anteriormente na Revisão da Literatura, Aguiar e Ozella (2006) propõem 4 passos para os procedimentos para análise através dos núcleos de significação. São eles:

1) Leitura flutuante e levantamento de pré- indicadores

A partir da transcrição de todo o material gravado e registrado, são realizadas várias leituras “flutuantes”, para que os pesquisadores se familiarizem e se apropriem dos dados. A palavra com significado e contextualizada é utilizada como primeira unidade de destaque para fazer uma análise do sujeito em desenvolvimento. Ao longo das leituras flutuantes, são organizados pré- indicadores, por meio de critérios como frequência (repetição ou reiteração) e ênfases realizadas nas falas dos participantes da pesquisa (maior carga emocional, ambivalências, contradições, insinuações, etc.). Geralmente, existe um grande número de pré- indicadores para compor um quadro amplo de possibilidades para a organização dos núcleos.

2) A construção de indicadores

Neste passo, os pré- indicadores são aglutinados na direção de identificar possíveis núcleos de significação. Alguns critérios para esta aglutinação incluem: similaridade, complementaridade, contradição, relação com situações ou condições específicas (ex: potência diferente no contexto escolar e no contexto familiar dos contos de fada). Ao final desse passo, retorna-se ao material das entrevistas e são selecionados trechos que evidenciam e esclarecem os indicadores.

3) Construção dos núcleos de significação

Aqui, todo o material é relido e os indicadores são articulados pelos mesmos critérios de aglutinação do passo anterior, de modo a nomear núcleos de significação. A organização dos núcleos de significação já constitui um momento de análise, com a eleição de critérios de recorte interpretativo em função dos objetivos da pesquisa. Espera-se que seja construído um número

reduzido de núcleos de significação, por meio do aprofundamento da descrição de dados empíricos para uma análise interpretativa.

Os núcleos resultantes devem expressar os elementos centrais, que possuem implicações para o sujeito em desenvolvimento. Procura-se identificar transformações e contradições que fazem parte do processo de construção dos sentidos e dos significados, considerando as condições subjetivas, contextuais e históricas. A nomeação dos núcleos costuma utilizar a própria fala e as expressões do participante da pesquisa, como uma frase curta que reflita os sentidos e significados fundamentais presentes no núcleo.

4) A análise dos núcleos de significação

Neste passo, são realizadas análises dentro de cada núcleo, seguida de uma análise inter- núcleos, que busca explicitar semelhanças e/ou contradições que indiquem os processos de desenvolvimento do sujeito. Estas semelhanças ou contradições podem estar manifestas na narrativa analisada ou podem ser apreendidas a partir da análise do pesquisador. Para compreender o sujeito em sua complexidade, o processo interpretativo do investigador se amplia, de modo a se articular com as teorizações científicas sobre o objeto de investigação e com o contexto social, político, econômico e histórico. Procura-se avançar do empirismo da fala para a compreensão interpretativa e analítica do sentido.

Após nossas considerações sobre metodologias de pesquisa com crianças, sobre entrevistas na pesquisa qualitativa e sobre os núcleos de significação, apresentamos, na sequência: o contexto em que a pesquisa se desenvolveu, os participantes e os materiais e instrumentos utilizados na pesquisa.

3.1. Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola particular de Educação Infantil que contempla a faixa etária de 1 a 5 anos, localizada no Jardim Botânico-DF, que atende crianças de famílias favorecidas economicamente.

De acordo com informações disponíveis no sítio eletrônico da escola, preconiza-se um trabalho pedagógico orientado às demandas “plurais, heterogêneas e distintas” da sociedade pós-moderna (sic). A escola é apresentada como um local “de apropriação de cultura, de identidade e de construção de conhecimentos” (sic) e de oferta de exemplos positivos que “marcarão” (sic) as crianças por toda a vida. São empregadas metodologias de “convivência em pequenos ou em grandes grupos” buscando atender cada criança em seus “diferentes ritmos e diversas competências” (sic). A concepção de criança é associada a conteúdos de protagonismo infantil (“infância tem voz, espaço”) e de construção constante de identidade, de conhecimentos e de cultura por meio da ação. Esta concepção de criança e as metodologias ali utilizadas são compatíveis com o olhar sociohistórico que fundamenta a presente pesquisa.

A pesquisadora já atua como estagiária nesta escola há 2 anos e já possui familiaridade com a metodologia da escola para a contação de histórias, chamada “Hora do Conto”. Na grade horária da escola, o momento da “Hora do Conto” é realizado três vezes por semana, como última atividade no final do dia, com a duração de trinta minutos. Nesta ocasião, um livro de contos de fada é escolhido pela professora ou pelas crianças; todos se sentam em roda em um tatame localizado na lateral da sala de aula; e o conto é narrado pela professora e/ou professora auxiliar, que procura utilizar diversos recursos comunicativos para a narração (ex: entonações, gestos, sonoplastias, etc.).

Ao longo da “Hora do Conto”, os educadores da escola são estimulados a utilizar vários recursos de comunicação e mediação (ex: entonações, gestos, figurinos, jogos de papeis), para engajar as crianças na atividade e favorecer a internalização das crianças de diversos elementos da nossa cultura. São estimulados, por exemplo, a cantar a música dos anões da “Branca de Neve”; a fazer a voz da vovó da “Chapeuzinho Vermelho”; e a dramatizar o papel do Lobo Mau dos “Três porquinhos”. “É importante que você deixe a timidez de lado na hora de ler para sua turma” (documento institucional sobre o Projeto “Resgatando os Contos de Fada”).

No mês de outubro, em virtude da prática cultural de comemoração do dia das crianças, a escola desenvolve um projeto especial denominado “Resgatando os Contos e Fada”. De acordo com documentação compartilhada pela escola sobre este Projeto, o seu objetivo geral é criar momentos em que as crianças tenham acesso a vários contos de fada, valorizando os contos como parte da tradição dos povos, fazendo com que elas vivenciem de forma lúdica e dinâmica experiências diversificadas e estimular o gosto pela leitura. Os objetivos específicos do Projeto

incluem: “desenvolver a linguagem oral; trabalhar a expressividade; desenvolver coordenação motora; dramatizar contos por meio de expressões orais; identificar personagens dos contos de fada; descrever cenários e emoções; e trabalhar as emoções que as histórias transmitem” (sic).

Um dos objetivos de aprendizagem nos anos iniciais da instituição, apresentado no documento fornecido pela escola na justificativa deste Projeto, é “despertar nas crianças o gosto pela leitura e escrita” (sic) de modo criativo e significativo. A leitura é ali compreendida como importante para a formação do pensamento (“Uma criança que lê será um adulto que pensa”).

Durante a realização deste Projeto, a escola é ornamentada e transformada em um castelo; as professoras se vestem com figurinos e realizam pinturas de rosto com os personagens dos contos; e os murais das salas de aula são ornados com elementos associados aos contos de fada. Cada turma fica com um conto de fada específico, a partir do qual são desenvolvidas diversas atividades pedagógicas.

3.2. Participantes

Os participantes envolvidos foram: a pesquisadora; 11 (onze) crianças de 3 (três) anos de idade que integram uma turma de Maternal II da escola caracterizada anteriormente; a professora regente da turma dessas crianças; e a coordenadora pedagógica da escola. Para preservar o sigilo da identidade dos participantes da pesquisa, foram usados codinomes fictícios escolhidos pelos próprios participantes (crianças, professora e coordenadora pedagógica).

A professora regente da turma, aqui identificada pelo codinome Taís Miranda, possui 25 anos; é formada em Pedagogia; atua na Educação infantil há 10 meses; atuava anteriormente como bolsista em programas de iniciação científica.

A coordenadora pedagógica entrevistada, codinome Larissa Fernandes, possui 27 anos; é formada em Pedagogia; atua na Educação Infantil há 6 anos; e já trabalhou anteriormente como professora da Educação infantil.

É importante relatar que já existe um vínculo interpessoal de qualidade estabelecido entre a pesquisadora e os demais participantes da pesquisa, pois ela atua como professora auxiliar na turma pesquisada, desde o início do ano de 2016. Além disso, na rotina escolar, a maioria dos momentos da “Hora do Conto” é realizada cotidianamente pela própria pesquisadora, que é chamada pelas crianças de “Tia Cacau”.

3.3. Materiais e instrumentos

Foi construído um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para informar os familiares e/ou responsáveis sobre a pesquisa e para solicitar a autorização destes para a participação das crianças na pesquisa (Apêndice A).

Para a realização das “Horas do Conto” com as crianças, foram utilizados os seguintes materiais: tatame para sentar em roda; 2 celulares para gravação do áudio da roda de narração dos contos de fada; além do Roteiro de contos “A Bela e a Fera”, “Chapeuzinho Vermelho” e “O Gato de Botas” (Apêndice B). Neste Roteiro, procurou-se dar destaque a falas e cenas a serem enfatizadas no momento da narração dos contos, de modo a favorecer a construção de situação interativa que potencializasse o atingimento dos objetivos da pesquisa. Para tanto, foram feitas marcações (ex: sublinhados, negritos, uso de fontes coloridas) em trechos dos contos selecionados como importantes. A pesquisadora treinou a narração de cada conto de fada com antecedência, como parte do seu planejamento da coleta de dados.

Já para a realização de entrevistas narrativas com a professora e com a coordenadora pedagógica da escola, foram utilizados: Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C); Roteiro de entrevista com professora (Apêndice D); Roteiro de entrevista com coordenadora pedagógica (Apêndice E); além de celular para gravação do áudio das entrevistas e um caderno para a pesquisadora tomar notas ao longo das entrevistas.

3.4. Procedimentos de construção de dados

Os procedimentos de coleta de dados ocorreram em **três momentos**. O **primeiro** ocorreu no final de setembro e primeira semana de outubro de 2016 e envolveu procedimentos de preparação para a coleta de dados, como obtenção de autorizações para a pesquisa, reuniões institucionais e convites para entrevista.

Foram realizadas reuniões entre a pesquisadora e a coordenadora pedagógica da escola para: solicitar autorização institucional para a realização da pesquisa na escola; pactuar o sigilo da identidade de todos os participantes e da instituição e registro apenas em áudio das “Horas do Conto” e das entrevistas; negociar procedimentos de solicitação de autorização dos familiares e/ou responsáveis pelas crianças; e para convidá-la a participar de entrevista.

Também foram realizadas reuniões entre a pesquisadora e a professora regente da turma para convidá-la para participar de entrevista; para pactuar procedimentos de solicitação de autorização dos familiares e/ou responsáveis pelas crianças; e para combinar detalhes da condução das rodas de narração, de modo a respeitar o cotidiano de trabalho pedagógico já estabelecido entre ela e a turma de crianças.

A obtenção da autorização da participação das crianças na pesquisa foi feita por meio da negociação dos Termos de Consentimento Informado com os seus familiares e/ou responsáveis (Apêndice A). Este consentimento foi negociado presencialmente pela própria pesquisadora com os familiares e/ou responsáveis pelas crianças, no momento em que estes deixam ou buscam as crianças na escola. Nesta ocasião, a pesquisadora conversava com estes adultos sobre possíveis dúvidas, solicitava a assinatura do termo e se colocava à disposição para quaisquer esclarecimentos que eles desejassem.

O **segundo momento** se refere à realização de 3 rodas de contação de contos, no momento da “Hora do Conto”, ocorridas no contexto do Projeto “Resgatando os Contos de Fada”, na segunda semana do mês de outubro de 2016. Estas rodas de contação de contos foram registradas em áudio por meio de dois celulares posicionados estrategicamente na roda, de modo a potencializar o registro das vozes de todos os participantes. Ressalta-se que foi realizado registro apenas do áudio das “Horas do Conto”, pois existe cláusula no contrato que a escola pesquisada estabelece com os familiares e/ou responsáveis pelas crianças que proíbe quaisquer registros de imagem das crianças (ex: fotos, vídeos) realizados naquele ambiente, seja por funcionários ou pelos próprios familiares.

Desse modo, foram realizadas 3 rodas da “Hora do Conto”, conforme tabela abaixo. Os 3 contos foram atribuídos à turma pelo Projeto “Resgatando os Contos de Fada”, feito pela coordenadora pedagógica.

Tabela 1. Detalhamento das “Horas do Conto”

	Conto Narrado	Data	Horário
“Hora do Conto” 1	“A Bela e a Fera”	10/10/2016	17h30 min a 18h.
“Hora do Conto” 2	“Chapeuzinho Vermelho”	11/10/2016	17h30 min a 18h.
“Hora do Conto” 3	“O Gato de Botas”	13/10/2016	17h30 min a 18h.

No dia, as crianças eram convidadas a participar da “Hora do Conto” e todos sentavam em semicírculo no tatame após a realização das atividades pedagógicas planejadas previamente pela professora com a turma, conforme pactuado com a pesquisadora anteriormente. A pesquisadora e a professora se sentam no meio da roda das crianças e a pesquisadora realizava a narração dos contos de fada, conforme os destaques planejados previamente no Roteiro de contos (Apêndice B), prezando por uma condução da atividade flexível e que estimulava a participação das crianças. Após a narração de cada conto, a pesquisadora conversava com as crianças sobre o que elas mais tinham gostado na história ou sobre o que mais chamou a atenção delas na história, ofertando um contexto disparador de narrativas para as crianças de 3 anos.

Por fim, o **terceiro momento** da coleta de dados aconteceu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com a professora regente da turma e com a coordenadora pedagógica da escola, na terceira semana de outubro de 2016. As entrevistas possuíam o objetivo de averiguar a percepção das educadoras sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento infantil.

A entrevista com a professora ocorreu na casa dela, durante a noite do dia 21/10/2016, a critério da professora. Antes da entrevista, foi pactuado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e a entrevista seguiu um roteiro semiestruturado (Apêndice D). A entrevista durou 30 minutos e foi gravada em áudio por meio de celular.

Já a entrevista com a coordenadora pedagógica aconteceu na sala dela na escola, durante a tarde do dia 19/10/2016, a critério da entrevistada, no intervalo da realização de suas atividades. Da mesma forma que a entrevista com a professora, foi pactuado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e a entrevista seguiu um roteiro semiestruturado (Apêndice E). A entrevista durou 30 minutos e foi gravada em áudio por meio de celular. Em ambas as entrevistas, a pesquisadora tomou algumas notas ao longo da interação, com pontos a serem aprofundados ou retomados na entrevista.

3.5. Procedimentos de análise de dados

O registro dos áudios das 3 rodas de 30 minutos da “Hora do Conto” realizadas com as crianças e dos áudios das duas entrevistas realizadas com a professora e com a coordenadora pedagógica da escola foi transcrito integralmente pela própria pesquisadora, conforme pactuado

com os participantes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, a fim de garantir o sigilo da identidade da instituição e dos participantes, todos foram tratados por codinomes escolhidos por eles mesmos.

O procedimento para a construção dos indicadores empíricos da pesquisa foi inspirado na proposta de Aguiar e Ozella (2006) de núcleos de significação e ocorreu da seguinte forma: após a transcrição, foram realizadas leituras flutuantes do material. Em seguida, considerando os objetivos da pesquisa e buscando compreender os sentidos e significados sobre as contribuições dos contos de fada para o desenvolvimento infantil, foram levantadas questões que se destacavam no material analisado por sua repetição e/ou por sua ênfase.

Assim sendo, se organizaram dois níveis de análise: o primeiro é a análise da entrevista com os adultos (professora e coordenadora da escola) e o segundo, das narrativas das crianças extraídas da “Hora do Conto”. Foram construídos um total de 11 núcleos de significação, articulando os conteúdos das narrativas às experiências que tinham os contos de fada como elemento essencial. Ressalta-se que os núcleos de significação não são excludentes entre si e que vários conteúdos presentes nas falas das crianças perpassam diferentes núcleos. Ao longo da discussão dos resultados, procurou-se articular os núcleos de significação dos dois níveis de análise à proposta do Projeto “Resgatando os Contos de fada” (documento institucional fornecido pela escola).

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos, apresentamos e discutimos os resultados que foram construídos nesta pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme veremos ao longo de toda a análise dos dados, as crianças associam os contos de fadas a sua realidade, articulando as experiências culturais de que participam, tanto no convívio familiar como no âmbito escolar. Por meio da mediação realizada com os contos de fadas, elas também modificam a sua subjetividade e evidenciam processos subjetivos em desenvolvimento, como a sua apropriação de sentimentos, ideais de beleza e preconceitos, dentre outros. Iniciaremos com a análise das entrevistas realizadas com a professora das crianças e com a coordenadora pedagógica da escola.

4.1. Nível 1 de análise: entrevistas com educadoras

O primeiro nível de análise se refere às análises das entrevistas realizadas com a professora das crianças (codinome Taís Miranda) e coordenadora pedagógica da escola (codinome Larissa Fernandes), articuladas à análise do documento fornecido pela escola sobre o Projeto “Resgatando os Contos de Fadas”.

Neste nível, foram verificados 7 núcleos de significação, a saber: 1) a percepção de educadores sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil; 2) a concepção da criança enquanto um ser ativo, histórico e social; 3) práticas pedagógicas que usam contos de fada para a promoção de subjetivação e funções psicológicas superiores; 4) importância institucional atribuída ao Projeto “Resgatando os Contos de Fada”; 5) a construção de conhecimentos científicos por meio da participação em práticas de contos de fadas; 6) a narração de contos de fada como metodologia e avaliação pedagógica; e 7) a pouca valorização dos contos de fada na Educação Infantil.

Núcleo 1: A percepção de educadores sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil

A percepção da professora e da coordenadora pedagógica sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil inclui benefícios diversificados. Dentre estes, ambas destacam que os contos, por meio da vivência de novas

descobertas e do protagonismo infantil, promovem o desenvolvimento da imaginação infantil e a resignificação da realidade concreta vivenciada pela criança. Além disso, os contos favoreceriam o desenvolvimento subjetivo, emocional e afetivo das crianças, ao proporcionar um contexto no qual podem experimentar sentimentos de amor, raiva, perda, por exemplo.

“As principais contribuições são a promoção do imaginário, fazendo com que a criança embarque em outro mundo, mas também ocasionando fundamentos que fazem com que ela faça uma ligação da realidade com o conto, promovendo, assim, o seu desenvolvimento psíquico, ajudando a criança a solucionar seus conflitos internos”. (coordenadora pedagógica).

“o objetivo de socializar, de incitar a imaginação, a sensibilidade das crianças e, principalmente, de proporcionar para as elas vivências nas tramas dos contos, para que, assim, possam adquirir elementos que vão influenciar no seu desenvolvimento psíquico”. (professora).

“Os contos de fada proporcionam às crianças sensações de raiva, perda, amor, carinho, a busca pelo desconhecido, fazendo com que elas possam vivenciar novas descobertas”. (professora).

Núcleo 2: A concepção da criança enquanto um ser ativo, histórico e social

Nas falas das educadoras, fica evidente uma concepção da criança enquanto um ser histórico e social, ativo em seus próprios processos de desenvolvimento. Também fica evidente a importância das mediações sociais e a interação entre processos de aprendizagem e desenvolvimento, que são ideias que fundamentam a visão sociohistórica de sujeito em desenvolvimento adotada neste Trabalho.

“Fazemos o uso da Literatura Infantil para conceber a criança... uma infância onde o protagonismo e a ação tem a identidade de cada uma nela contemplada” (coordenadora pedagógica).

“ (as crianças) participam bastante, principalmente as meninas. Falam sempre. Às vezes, temos que interferir para poder continuar contando a história. Sempre falam do que mais gostaram, do que acharam bonito e das reações dos personagens”. (professora).

Núcleo 3: Práticas pedagógicas que usam contos de fada para a promoção de subjetivação e funções psicológicas superiores

As entrevistadas também trouxeram exemplos advindos das experiências de trabalho pedagógico, em que perceberam mudanças na subjetividade e o desenvolvimento de funções

psicológicas superiores das crianças (ex: planejamento de ação; descentração; reflexividade), após participarem da narração de Contos de Fadas. Podemos identificar que as crianças, por meio da associação entre os acontecimentos do enredo imaginário dos contos de fada e a sua realidade concreta, desenvolvem empatia pelos personagens, se projetam no futuro e resignificam relações familiares e a si mesmas. Os contos de fada contribuem para solucionar conflitos internos, realizar desejos (COELHO E PISONI, 2012), articular regras pertencentes a seu cotidiano real (COELHO E PISONI, 2012) e a experimentar emoções e situações imaginárias (MENDES, 2011).

“uma aluna me interrompeu quando eu lia o conto da Cinderela, bem na parte em que eu falava da madrasta que era má e fazia a princesa sofrer. Minha aluna, na hora, levantou e falou: “Não, tia. Eu tenho uma madrasta. Ela fala que não é minha mãe, mas me ama muito também. Ela é boa, ela cuida de mim, me dá banho, comida. A Cinderela tem que ser igual eu. Aí, a madrasta dela vai ser boa também”. (professora).

“Quando fui professora do Jardim I, após contar o conto da Rapunzel, uma aluna de 4 anos, (...) ela falou para a mãe que não iria mais cortar o cabelo, porque vai que ,um dia, ela usaria ele como corda para salvar alguém que estava em perigo”. (coordenadora pedagógica).

Núcleo 4: Importância institucional atribuída ao Projeto “Resgatando os Contos de Fada”

Segundo a coordenadora pedagógica, ao passo que os contos de fada auxiliam no processo de desenvolvimento das crianças, dá-se grande importância ao Projeto “Resgatando os contos de Fada” na escola. Ali, são desenvolvidas atividades específicas de contação de histórias no cotidiano pedagógico (“Horas do Conto”). A “Hora do Conto” faz parte da grade horária de todas as turmas e acontece três vezes na semana, no final do dia. Em cada sala existe uma estante de livros, que podem ser escolhidos pelas professoras ou pelas crianças. Os livros são disponibilizados pela própria escola e podem também ser trazidos pelas crianças, pelas professoras e pelos familiares e/ou responsáveis pelas crianças.

A professora relata que os contos de fada também costumam ser empregados em outras práticas pedagógicas, além da “Hora do Conto”. Na grade horária da escola também existem momentos semanais de filmes e são realizadas dramatizações de contos de fada pelas professoras para toda a escola, como contexto de favorecer o acolhimento na semana de adaptação no início dos semestres. Em geral, o filme escolhido se relaciona a temas abordados em sala de aula na semana ou se trata de um filme sobre algum conto de fada.

Núcleo 5: A construção de conhecimentos científicos por meio da participação em práticas de contos de fadas

Para Vygotsky (2007b, 2009) desde o momento do nascimento, o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados. Quando as crianças chegam à escola, chegam com suas experiências culturais e conhecimentos espontâneos. Na escola, elas desenvolverão outro tipo de conhecimento, o científico.

Os contos de fadas, utilizados em práticas pedagógicas da Educação Infantil, colaboram para a construção de conhecimentos científicos diversificados. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, na situação em que, ao longo da narração das “Horas do Conto” analisadas, as crianças associam os conhecimentos que já possuem de diferentes animais (ex: gatos, coelhos) com os conhecimentos científicos sobre animais presentes nas narrativas dos contos de fada (ex: lebres, lobos, gatos), diferenciando espécies diferentes e aprendendo sobre cuidados a serem dispensados aos animais domésticos das suas famílias.

“O que é lebre, Tia Cacau?” (fala da criança Letícia, ao longo da narração do conto “O Gato de Botas”).

“O gato fala! (risos). (fala da criança Enzo, ao longo da narração do conto “O Gato de Botas”).

“(eu gostei mais) do Gato, porque ele usa botas. A Maya (nome da gata da família da criança) pode usar botas, tia Cacau?” (fala da criança Júlia, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “O Gato de Botas”).

Núcleo 6: A narração de contos de fada como metodologia de avaliação pedagógica

A importância dos contos de fada na Educação Infantil também é presente no documento institucional sobre o Projeto “Resgatando os contos de Fada”, fornecido pela escola. Ali, identifica-se que existiriam diversos benefícios potenciais do trabalho pedagógico mediado por contos de fada, como: a formação de conceitos e a construção de conhecimentos; o fortalecimento da autoestima e do “poder de conquista” da criança; a associação ou a diferenciação entre acontecimentos da vida real da criança e do mundo imaginário; a construção de um futuro “apreciador da leitura”; além da construção de valores como o zelo, o amor, o belo,

o “bem e mal”, a “delicadeza da alma”, a coragem/medo, a confiança, a solidariedade e a criatividade.

A Educação Infantil tem que garantir experiências que favoreçam a construção do conhecimento por meio de brincadeiras e momento lúdicos, aguçando nas crianças a curiosidade, a exploração e o encantamento. Na escola em que a pesquisa foi realizada, a narração de contos de fada é inclusive utilizada como parte de métodos de avaliação pedagógica. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010), a avaliação na Educação Infantil é realizada de modo qualitativo e descritivo, a fim de valorizar o desenvolvimento e as experiências das crianças, e é realizada por meio de observação crítica e criativa das atividades pedagógicas desenvolvidas.

“Aqui na escola, durante uma semana, todos planejam suas atividades pedagógicas em cima desse tema (...) valorizamos os contos e os usamos como método de avaliação no processo de desenvolvimento dos nossos alunos”. (coordenadora pedagógica).

“a escola pede registros dos próprios alunos para serem colocados no portfólio (...) Eu, particularmente, procuro associar o conteúdo que estou trabalhando com letras do alfabeto, do nome, ou seja, relaciono o conto ao conteúdo pedagógico”. (professora).

Núcleo 7: A pouca valorização familiar dos contos de fada na Educação Infantil

Como vimos, para a escola, os contos de fada são percebidos como práticas culturais e pedagógicas de grande importância para o desenvolvimento infantil. No entanto, de acordo com a percepção das educadoras, isso não é verificado para o âmbito familiar. Ambas as entrevistadas relatam que, apesar de existirem familiares e/ou responsáveis que apoiam o trabalho pedagógico mediado por contos de fada, para a maioria destes, os contos são significados como algo secundário, que “tanto faz” e que pode ser “descartado”. As famílias parecem valorizar mais as áreas do conhecimento da Linguagem, Matemática e Artes, trabalhadas pela escola, em comparação aos contos de fadas, que não são significados como providos de conteúdo pedagógico.

“para a maioria, é um tema que pode ser descartado, que não vai acrescentar no desenvolvimento das crianças. Mas, também, eles não criticam, a ponto de não querer que o tema seja trabalhado na escola”. (coordenadora pedagógica).

“eles não criticam, mas também não apoiam. Vejo como se, pra eles, tanto faz trabalhar ou não esse tema. Isso é para a maioria. Tem alguns que super apoiam e fazem questão de participar, mandando os filhos fantasiados e sabem que os contos de fadas têm muito a contribuir para o desenvolvimento das crianças”. (professora).

“meu objetivo é trazer a participação dos pais para esse projeto e trabalhar os contos em diversos momentos durante o ano letivo e não somente na semana do projeto”.
(coordenadora pedagógica).

Segundo as educadoras, a escola tem trabalhado bastante para modificar esta realidade atual, para que as famílias possam apoiar mais o trabalho com os contos de fada. No documento institucional sobre o Projeto, estimula-se que as famílias realizem práticas de leitura de contos de fada com as crianças. A leitura é apresentada como experiência positiva, que deve estar desvinculada de castigos ou de recompensas. Sugere-se que a leitura dos livros de contos de fada junto aos familiares está associada à criação de um futuro leitor e a momentos de interação de qualidade e de recebimento de atenção despendida por diversos cuidadores:

“(…) é uma chance de aproveitar a interação com a mamãe, o papai, a babá ou a professora”.

“Quando você lê para uma criança, ela não só está curtindo o livro, mas também toda a atenção que vocês está lhe dando”.

“(…) mostrar a ela que daquele objeto estranho, saem coisas muito interessantes”.

“(…) isso pode ser a semente para um grande interesse futura na leitura”.

“Não diga, por exemplo, que só terá história se comer tudo no jantar”.

Ainda neste documento institucional, orienta-se os familiares a, preferencialmente, utilizar histórias curtas e a comemorar o fato de ter conseguido ler juntos uma história com a criança, mesmo que seja breve. Para crianças que preferem atividades físicas à leitura de livros, orienta-se os adultos a mostrar para as crianças que existem palavras por todos os lados e a utilizar o próprio gosto pela leitura como modo de estimular a criança a ler.

O desenvolvimento humano, do ponto de vista sociohistórico, integra as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e imaginárias. No meu ponto de vista enquanto pesquisadora e educadora, quando a escola conseguir ter um maior apoio das famílias e, juntas, conseguirem desenvolver os contos de fada, as crianças irão se desenvolver muito mais, inclusive cognitivamente. “Deixar a imaginação fluir” (fala da coordenadora) e “aflorar os sentimentos” (fala da professora) também contribuem para o desenvolvimento das crianças.

Em síntese, neste primeiro nível de análise, verificou-se uma percepção extremamente positiva das educadoras sobre as contribuições dos contos de fada para o desenvolvimento das crianças. Os contos de fada são percebidos como importantes mediadores para a promoção do desenvolvimento de: imaginação; afetividade; subjetividade; valores e crenças; autoestima; ressignificação de si e da realidade vivida; conhecimentos científicos escolares a partir de conceitos espontâneos; criatividade; e funções psicológicas superiores das crianças (ex: planejamento de ação; descentração; reflexividade). Além disso, os contos de fada também podem enriquecer a escolarização infantil, colaborar para metodologias de avaliação na Educação Infantil e para a formação de futuros leitores.

Vários destes benefícios potencialmente trazidos pelos contos de fada também podem ser identificados nos núcleos de significação que emergiram a partir da análise das falas das crianças durante as “Horas do Conto”, em nosso **segundo nível de análise**, como veremos a seguir.

4.2. Nível 2 de análise: “Horas do Conto”

O segundo nível de análise remete às interpretações das narrativas das crianças de 3 anos que participaram das 3 sessões da “Hora do Conto” do Projeto “Resgatando os Contos de Fadas”. Foram identificados 4 núcleos de significação: 1) O desenvolvimento afetivo: “Eu tenho muitos amigos!”; 2) Ideais de beleza promovidos pela cultura brasileira e legitimados na cultura escolar: “Eu sou uma princesa, né?”; 3) Relações familiares: “Minha mãe me dá beijos de amor!” e 4) Promoção de comportamentos pró-sociais: “Minha mãe me dá presentes, quando eu obedeco”/“Eu fico de castigo, quando faço feiura”.

Núcleo 1: O desenvolvimento afetivo: “Eu tenho muitos amigos!”

Neste núcleo, destacaram-se conteúdos referentes aos sentimentos e afetividade. Consideramos, nesse núcleo de significação, elementos que irão constituir os sentidos que serão atribuídos às experiências de vida da criança no que se refere ao seu desenvolvimento afetivo/emocional.

A afetividade, do ponto de vista sociohistórico, se desenvolve por meio das mediações realizadas por meio da participação da criança em diferentes contextos desenvolvimentais, em especial, nas mediações realizadas na família e na escola. Assim, a afetividade se constitui através das relações familiares, das nossas amizades, das vivências que temos. Neste núcleo, podemos identificar evidências do desenvolvimento da afetividade nas falas das crianças, quando associam os contos de fadas com as vivências infantis mediadas pelas experiências escolares, por exemplo, no estabelecimento de relações afetivas, significadas como amizade, com as educadoras e com a própria pesquisadora:

“A tia Cacau é minha amiga!” (fala da criança Maria Alice, durante a leitura do Conto “A Bela e a Fera”, após ser lido que “com o passar do tempo, a Fera e a Bela foram ficando mais amigos”).

“Eu tenho muitos amigos!” (fala da criança Ana, durante a leitura do Conto “a Bela e a Fera”).

As crianças também ressignificam a sua autoimagem diante dos significados afetivos partilhados por meio da contação de histórias, por exemplo, como bondosas e altruístas.

“O coração é bom, né, Tia Cacau? Eu tenho um.” (fala da criança Maria Alice, durante a leitura do Conto “a Bela e a Fera”).

“Não pode ser egoísta, né, Tia Cacau? É uma coisa ruim.” (fala da criança João, ao escutar, durante a leitura do Conto “a Bela e a Fera”, que o príncipe era egoísta, mal humorado e solitário).

A negociação da representação de si com as educadoras (“né, Tia Cacau?”) pode favorecer o desenvolvimento de reflexividade, da autoestima, de crenças e valores sociais e de comportamentos pró-sociais, que serão melhor analisados na sequência. Fica evidente a importância das mediações realizadas pelos educadores na escola para o desenvolvimento identitário das crianças. Vygotsky (2007a) compreende que a constituição dos sujeitos somente ocorre na e a partir das relações sociais.

Na sala de aula, algumas crianças têm certa dificuldade em dividir os brinquedos; nessas ocasiões, a professora se refere a esse sentimento de egoísmo, falando que é ruim e que nós devemos sempre dividir o que temos com os outros. A criança João faz uma ótima associação da história narrada com a realidade da sala de aula, em relação ao sentimento de egoísmo, criando sentidos novos a partir da articulação das suas experiências culturais.

Foi possível verificar que a construção dos sentidos das crianças associa os enredos imaginários dos contos de fada com suas experiências nas atividades da nossa cultura. As falas das crianças revelam os sentidos que se constituíram através das experiências vividas por ela, de modo que, ao mesmo tempo em que são particulares, se conjugam a significados sociohistóricos. Por exemplo, o sentido de que é feio ser egoísta, criado por João, se articula a significados anteriores de que é importante dividir brinquedos, construídos em práticas pedagógicas das quais já participou. Esta perspectiva de análise se aproxima das teorizações de Vygotsky (2007b), sobre a produção dos sentidos e dos significados.

Além disso, podemos encontrar evidências da promoção da descentração, por meio do desenvolvimento de empatia das crianças com personagens. Por volta dos dois ou três anos de idade, as crianças já começam a ter apoderação de perspectiva, ou seja, se tornam independentes em relação aos seus sentimentos e começam a perceber que os seus sentimentos não são necessariamente os mesmos que os dos outros. Elas desenvolvem a habilidade de empatizar com um grupo generalizado de outros e com a sua vida social (CARLO E KOLLER, 1998).

Foi frequente o sentimento de piedade e dó com relação a personagens em perigo ou cuja identidade se transforma ao longo do enredo dos contos de fada. A descontinuidade da própria identidade ao longo da linha do tempo parece ser significada pelas crianças como algo ruim e os personagens que sofrem esta descontinuidade, como dignas de dó.

“Coitadinho dele”! (fala da criança Maria Luísa, após a transformação de um príncipe em monstro por conta de feitiço de bruxa).

“Coitadinha da vovó!” (fala da criança Maria Luísa, após a avó da Chapeuzinho Vermelho ser pega pelo Lobo Mau).

As situações de contos de fadas, por meio do uso de diferentes signos e instrumentos culturais, promovem mediações simbólicas que transformam os processos de desenvolvimento e de subjetivação das crianças. Os contos de fada ajudam a solucionar conflitos internos das crianças, a experimentar emoções, a realizar desejos, a formar a personalidade e a estabelecer regras no cotidiano real (COELHO E PISONI, 2012).

Em resumo, neste núcleo, evidenciaram-se alguns aspectos centrais nos discursos das crianças, no âmbito da afetividade, como: a autoimagem, as crenças, os valores, as relações interpessoais, as relações afetivas, as amizades, a reflexividade, a autoestima, comportamentos pró-sociais, a descentração, a empatia. Além disso, é possível identificar indicadores que

ênfatizam a importância das mediações realizadas pelos educadores sobre a construção da identidade das crianças e da superação ou legitimação de dicotomias presentes nos contos de fada e na nossa sociedade, como a associação entre beleza/bondade e feiura/egoísmo/ruindade, ponto a ser mais analisado no próximo núcleo de significação: ideais de beleza.

Núcleo 2: Ideais de beleza promovidos pela cultura brasileira e legitimados na cultura escolar:

“Eu sou uma princesa, né?”

A beleza envolve uma apreciação subjetiva que varia de acordo com a cultura e com a percepção pessoal: o que é belo para mim, pode não ser belo para você. Na percepção das crianças da pesquisa, a beleza é uma característica ou um conjunto de características que são agradáveis à vista e que são capazes de cativar o observador.

Neste núcleo, destacaram-se conteúdos referentes ao conceito de beleza que as crianças têm e como elas a inserem no seu cotidiano. Neste núcleo, muitas falas das crianças se apoiam na dicotomia beleza/bondade e feiura/maldade.

Esta dicotomia é evidenciada, em especial, no conto “A Bela e a Fera”, quando as crianças manuseavam o livro e sua atenção era voltada para a beleza da imagem da princesa Bela. As princesas dos contos de fada, tradicionalmente, têm essa característica de beleza sempre muito definida: todas usam um lindo vestido, possuem cabelos grandes e brilhosos e realizam atos bondosos. A imagem das princesas passa a ser alvo de admiração; isso parece acontecer mais fortemente com as meninas, que desejam ser igual a elas. O conceito de beleza, para muitas meninas, também se associou ao conceito de princesa. Ao se projetarem na identidade de princesa, as crianças podem vivenciar uma autoimagem de que são belas.

“Tia Cacau, a Bela é muito bonita, né?” (fala da criança Gabriel, ao enxergar a imagem da princesa Bela no livro).

“ (eu gostei mais) da Bela. Ela é bonita e conta história, igual à Tia Cacau”. (fala da criança Maria Alice, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto).

“Eu me comporto como uma princesa, né, Tia Cacau?” (fala da criança Maria Alice, ao ouvir a história “A bela e a Fera”).

“ (eu gostei mais) da Chapeuzinho Vermelho. Ela é bonita e tem uma roupa vermelha, igual a minha!”. (fala da criança Maria Alice, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “Chapeuzinho Vermelho”).

“ (eu gostei mais) da princesa. Ela é muito bonita. Tia Cacau, eu gosto de princesas. Eu sou uma princesa, né?” (fala da criança Maria Alice, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “O gato de botas”).

Essa perspectiva idealizada que associa beleza-bondade-princesa também apareceu no exemplo dado pela coordenadora pedagógica, em sua entrevista, no qual a beleza dos cabelos grandes da princesa Rapunzel foram úteis para que ela salvasse alguém em perigo:

“Quando fui professora do Jardim I, após contar o conto da Rapunzel, uma aluna de 4 anos, que, na época tinha cabelos lindos e grandes, depois que ouviu o conto, só queria vim para a escola com o cabelo trançado, pois ela se apaixonou pelos cabelos da Rapunzel. Ela ficou mais encantada ainda para que o cabelo grande e a trança servissem (como corda). E ela falou para a mãe que não iria mais cortar o cabelo, porque vai que, um dia, ela usaria ele como corda para salvar alguém que estava em perigo”. (entrevista com a coordenadora pedagógica).

Por outro lado, o conceito de feiura foi associado ao personagem de um rato, no conto “O Gato de Botas”, na ocasião em que se narra que um rei se transformou em um rato. Além disso, na cultura escolar da qual as crianças fazem parte, quando seus comportamentos são considerados inadequados, recebem o nome de “feiuras” e são dignos de reprovação social, castigos. Ao criarem sentidos sobre a feiura, as crianças destacam que seus familiares não gostam e sentem nojo do que é considerado feio, o que influencia o modo como criam significados e sentidos a este respeito.

“Eca! Rato é um bicho feio! Todo mundo tem medo”. (fala da criança Pedro, , durante a leitura do Conto “O Gato de Botas”).

“Minha mãe não gosta de ratos. Ela diz que é feio, nojento; então, eu também não gosto”. (fala da criança Pedro, , durante a leitura do Conto “O Gato de Botas”).

“ (eu gostei mais) do gato, porque ele comeu o rato. Rato é bicho feio!” (fala da criança Pedro, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “O gato de botas”).

“Eu fico de castigo, né, Tia Cacau? Quando faço feiura (risos)”. . (fala da criança Pedro, durante o conto “A Bela e a Fera”, quando é narrado que o príncipe não ajudou uma velhinha que pedia ajuda).

Nesse núcleo, evidenciou-se um dos aspectos centrais nos discursos das crianças: a idealização de beleza presente na nossa sociedade e na cultura escolar, que parece orientar as configurações de autoimagem e as próprias relações entre as crianças e entre estas e as

educadoras, que são solicitadas pelas crianças (“né?”) a legitimar a representação de si enquanto belas- bondosas- princesas ou enquanto feios-mal comportados.

As crianças constroem a sua experiência a partir das significações e das funções associadas ao seu grupo social, por exemplo, pela dicotomia entre o belo/bom e o feio/mau. Neste núcleo de significação subjaz uma configuração de relações sociais na qual se legitimam os comportamentos “belos”, dignos de princesas, e reprovam-se os comportamentos “feios”, as “feieras” presentes nos comportamentos infantis, ao longo dos seus processos de socialização.

Na própria cultura escolar do campo da pesquisa, frequentemente, as crianças escutam orientações da professora para pararem de “fazer feiura” (sic), por exemplo, quando tem punido o seu comportamento de disputar brinquedo e bater em outra criança.

“Vocês fizeram uma feiura: bateram um no outro. Não é assim que conseguimos as coisas. Temos que pedir ou, então, chamar a Tia”. (fala da professora).

Além disso, na cultura brasileira, os ideais de beleza costumam estar associados a características físicas (cabelo, olhos), por certos tipos de formas de consumo, por frequentar locais específicos. Todas estas práticas e significados partilhados engendram determinadas formas de ser, configurando os sentidos e significados das crianças, tanto no mundo imaginado via mediação dos contos de fada, quanto as suas experiências em suas vidas concretas.

Esta visão idealizada da princesa bela e bondosa corrobora com práticas educativas que desmerecem a diversidade de corpos e de padrões estéticos, além de manter padrões de comportamento valorizados de modo diferente entre meninas e meninos, fazendo com que as meninas queiram sempre estar vestidas como princesas e baseando suas atitudes e comportamentos nas princesas dos contos de fada.

Algumas crianças, mesmo diante destes significados e dicotomias tradicionais nos contos de fada, valorizam personagens que, mesmo que não sejam considerados belos, são inteligentes, excêntricos, poderosos e possuem maior agência e movimento de ação no mundo imaginário do conto.

“(eu gostei mais) da bruxa, porque ela tem poderes! (risos)”. (fala da criança Pedro, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “a Bela e a Fera”).

“O lenhador é um super-herói? (fala da criança Pedro ao longo do conto “Chapeuzinho Vermelho”).

“(eu gostei mais) do Lobo. Ele é rápido!” (fala da criança Enzo, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “Chapeuzinho Vermelho”).

“(eu gostei mais) do Gato. Ele usa botas! (risos)” (fala da criança Pedro, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “O Gato de Botas”).

“(eu gostei mais) do Gato. Ele é esperto!” (fala da criança Maria Luísa, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “O Gato de Botas”).

“(eu gostei mais) do Rei. Ele é poderoso!” (fala da criança Leticia, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “O Gato de Botas”).

Consideramos importante que os contos de fadas sejam contextos que favoreçam a emergência criativa de novos sentidos perante significados cristalizados em muitos contos de fada, tais como a associação beleza/bondade, avançando de juízos pré-concebidos (pré-conceitos), que se manifestam através de uma ideia formada antecipadamente. Segundo Madureira e Branco (2015), o preconceito se estabelece entre grupos sociais e/ou indivíduos como marcas simbólicas rígidas e com forte enraizamento afetivo que conseqüentemente criam barreiras culturais. Preconceitos podem delimitar diferenças, de modo a desqualificar indivíduos e/ou grupos sociais, ocasionando desigualdades sociais, ações de discriminações, intolerância, violências, exclusões sentimentos de inferioridade e sofrimento psíquico. O preconceito interfere na forma como as crianças vivenciam as suas experiências no mundo e no modo como se relacionam consigo mesmas e com os outros (MADUREIRA E BRANCO, 2015).

Dicotomias, como belo/bom e feio/ruim, podem favorecer a manutenção de estereótipos, a reprodução de preconceitos e a reprodução de valores culturais que desconsideram a diversidade existente em nossa sociedade, de corpos e de arranjos familiares, como veremos nos próximos núcleos de significação.

Núcleo 3: Relações familiares: “Minha mãe me dá beijos de amor!”

Em nossa cultura, a família é uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e é significada, por muitos, como a principal influência dos comportamentos das crianças no meio social. O papel da família no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância, pois é, no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem com as tradições e os costumes perpetuados através de gerações.

Neste núcleo, destacaram-se conteúdos referentes ao cuidado, à proteção ofertada pelas famílias e à ressignificação de relações familiares estereotipadas nos contos de fada. Além

disso, o quanto a família influencia na subjetividade das crianças, o quanto as crianças se baseiam na família para se constituírem enquanto seres sociohistóricos.

As falas das crianças evidenciaram relações familiares de amor, proteção, cuidados e zelo. As crianças, com fisionomias alegres e sorridentes, valorizam o amor familiar e narram situações afetivas entre si e seus familiares, incluindo mães, avós, madrastas. Parecem se sentir queridas e bem-vindas e que seus familiares provêm a elas objetos e alimentos que gostam.

“Minha mãe me dá beijos de amor!” (fala da criança Artur, após ouvir que um feitiço lançado por bruxa sobre o príncipe somente pode ser desfeito com um beijo de amor, no conto “A Bela e a Fera”).

“(eu gostei mais) da Vovó. Porque a minha vovó é muito legal! Na casa dela, tem brinquedos, bolo, uma cama pra mim (risos)”. (fala da criança Letícia, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “Chapeuzinho Vermelho”).

“Na casa da minha vovó têm doces, Tia Cacau”. (fala da criança Luana, ao longo do conto “Chapeuzinho Vermelho”).

“Eu gosto de presentes. Minha mãe me dá, quando eu obedeço, né, Tia Cacau?” (fala da criança Ana, quando escuta que o gato oferta presentes ao rei no conto “o Gato de Botas”).

A ressignificação das relações familiares e a percepção da criança que ela é alvo de afetos positivos, proteção e cuidados por seus familiares também apareceu no exemplo dado pela professora, em sua entrevista, no qual a criança questiona o estereótipo da madrasta enquanto alguém que trata mal ou mesmo cruelmente a criança (enteada ou enteado):

“uma aluna me interrompeu quando eu lia o conto da Cinderela, bem na parte em que eu falava da madrasta que era má e fazia a princesa sofrer. Minha aluna, na hora, levantou e falou: “Não, tia. Eu tenho uma madrasta. Ela fala que não é minha mãe, mas me ama muito também. Ela é boa, ela cuida de mim, me dá banho, comida. A Cinderela tem que ser igual eu. Aí, a madrasta dela vai ser boa também”. (entrevista com a professora).

Os significados tradicionalmente atribuídos à figura da madrasta nos enredos dos contos de fada costumam ser estereotipados para personagens vilãs, cruéis, que maltratam ou mesmo as assassinam suas enteadas (ex: conto “Branca de Neve e os Sete Anões”). No entanto, as crianças ativamente criam sentidos novos, resistindo a estes significados padronizados, a partir da articulação criativa com as suas experiências concretas, a partir das relações de cuidado que vivenciam em seu cotidiano.

Este núcleo de significação evidencia que, nos tradicionais contos de fadas, está implícita uma idealização do modelo da família nuclear burguesa como o único capaz de fornecer proteção e cuidado. No entanto, a criança, enquanto sujeito sociohistórico e ativo em seus próprios processos de desenvolvimento, cria sentidos inovadores associados a novas possibilidades de vivenciar relações familiares de qualidade, em arranjos familiares diversos.

“Eles eram namorados! (risos)” (fala da criança Pedro, ao longo da narração do conto “A Bela e a Fera”).

“Minha mãe é namorada do meu pai (risos)” (fala da criança Gabriel, ao longo da narração do conto “A Bela e a Fera”).

O zelo e a proteção que as famílias ofertam colaboram para que as crianças valorizem a amizade, a gentileza e o cuidado com outras pessoas e personagens.

“(eu gostei mais) do monstro. Ele cuidava da Bela. Eu cuido do meu irmão” (fala da criança Júlia, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “A Bela e a Fera”).

“(eu gostei mais) da Bela. Ela é legal e cuida do pai dela” (fala da criança Maria Luísa, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “A Bela e a Fera”).

“(eu gostei mais) da Bela. Porque ela é amiga e tem um coração” (fala da criança Letícia, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “A Bela e a Fera”).

“(eu gostei mais) da Bela. Porque ela era legal com o bicho (personagem da Fera)” (fala da criança Ana, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “A Bela e a Fera”).

“Ele (o lenhador) salvou a Vovó!” (fala da criança Pedro, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “Chapeuzinho Vermelho”).

“(eu gostei mais) da Chapeuzinho. Ela leva doce pra vovó”. (fala da criança Gabriel, ao responder pergunta sobre o que mais gostou no conto “Chapeuzinho Vermelho”).

Núcleo 4: Promoção de comportamentos pró-sociais: “Minha mãe me dá presentes, quando eu obedeco”/“Eu fico de castigo, quando faço feiura”

Neste último núcleo de significação da pesquisa, destacaram-se conteúdos referentes a influência que os contos têm sobre os comportamentos sociais das crianças. Verificou-se, por exemplo, que as princesas dos contos servem de parâmetro para que muitas meninas comparem o seu próprio comportamento: princesas são belas, bondosas e ajudam os outros.

Quando as crianças se manifestaram em relação ao próprio comportamento social, associaram o comportamento das personagens dos contos com os parâmetros do que é considerado certo e errado em nossa cultura. As crianças criaram sentidos sobre como deve ser o comportamento das pessoas quando são solicitados a se comportar de modo cooperativo e colaborativo com outras pessoas. O comportamento pró-social refere-se ao processo de aquisição e mudança dos julgamentos e comportamentos de auxílio ou em benefício ligados diretamente a outros indivíduos ou grupos sociais (KOLLER E BERNARDES, 1997). Segundo Carlo e Koller (1998), além das emoções e cognições, existem numerosos índices de comportamentos pró-sociais que podem ser avaliados por familiares e professores.

As crianças significam que é importante obedecer e ajudar as pessoas e que, quando esta norma é cumprida, podem ter seu comportamento reforçado (ex: ganhar presentes) e, quando a norma é descumprida, os comportamentos dos transgressores devem ser punidos (ex: receber castigos).

“Eu gosto de presentes. Minha mãe me dá, quando eu obedeço, né, Tia Cacau?” (fala da criança Ana, quando escuta que o gato oferta presentes ao rei no conto “o Gato de Botas”).

“Eu fico de castigo, né, Tia Cacau? Quando faço feiura (risos)”. . (fala da criança Pedro, durante o conto “A Bela e a Fera”, quando é narrado que o príncipe não ajudou uma velhinha que pedia ajuda).

As crianças articulam suas próprias experiências sobre as consequências de ficar de castigo com as dicotomias entre beleza/bondade e feiura/mal comportamento, conforme analisado no núcleo de significação anterior. Novamente, a analogia do bom comportamento com o comportamento de “princesas” mostra-se presente, em especial, para as meninas. Frequentemente, no momento em que os familiares vão busca-la na escola, as meninas costumam ser chamadas de “princesinhas”.

“Eu me comporto como uma princesa, né, Tia Cacau?” (fala da criança Maria Alice, ao ouvir a história “A bela e a Fera”).

“Eu me comporto como uma princesa, né, Tia Cacau?” (fala da criança Maria Luísa, ao ouvir a história “O Gato de Botas”).

“Princesa... Meu pai me chama de princesa, Tia Cacau!” (fala da criança Maria Alice, ao ouvir a história “O Gato de Botas”).

O desenvolvimento e o aprendizado estão inter-relacionados desde o momento do nascimento, conforme Vygotsky (2007). Assim sendo, quando chegam à Educação Infantil, as crianças possuem um conjunto de saberes sobre o que é considerado bom comportamento e mau comportamento. Ao longo das mediações realizadas na escola, as crianças ampliam as mediações a que tem acesso em sua família, por meio do estabelecimento de relações interpessoais com educadores diversificados e com as demais crianças. Isto pode colaborar para reforçar os conhecimentos que já possuem ou ampliar os sentidos e significados sobre como devem se comportar sobre quem são e sobre como se relacionar consigo mesmas e com os outros.

Em síntese, os 4 núcleos de significação identificados nas falas das crianças evidenciam as complexas relações entre desenvolvimento integral (em suas dimensões cognitivas, afetivas, sociais, por exemplo) e os circunscritores culturais presentes nas escolas, nas famílias e na sociedade brasileira, como ideais de beleza, preconceitos, configurações familiares e estratégias de disciplinarização de comportamentos infantis que são legitimadas ou são desqualificadas de acordo com parâmetros históricos e culturais.

Após a apresentação e discussão dos resultados que foram construídos nesta pesquisa, encerramos nossas reflexões com uma seção de Considerações Finais, com uma síntese dos principais destaques identificados na pesquisa, às limitações teóricas e metodológicas da pesquisa, além de sugestões para futuras atividades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narração de contos de fada é parte da socialização das crianças na nossa cultura, em diversos contextos educativos, como a família e a escola. Além disso, os contos de fada são importantes mediadores para a construção de diversos significados e sentidos para as crianças. Assim, consideramos importante identificar suas principais contribuições para o desenvolvimento infantil na Educação Infantil.

Neste Trabalho Final de Conclusão de Curso, foi analisada uma prática pedagógica concreta (“Horas do Conto”) que emprega contos de fada para a promoção das aprendizagens e do desenvolvimento de crianças de 3 anos, no contexto da Educação Infantil. Dentre as principais contribuições apreendidas por esta pesquisa, os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento da subjetividade, do imaginário, de funções psicológicas superiores e de conceitos científicos, além de servirem como metodologia de avaliação na Educação Infantil.

Ao longo da pesquisa, evidenciamos que os contos de fada, por meio da construção de um imaginário, por exemplo, ajudam a criança a estabelecer regras do seu cotidiano real e a realizar desejos (COELHO E PISONI, 2012). Os contos de fadas proporcionam a descoberta de um mundo novo, que, ao mesmo tempo, se relaciona com a realidade em que a criança está inserida, influenciando seu desenvolvimento integral. Além disso, os contos de fadas ajudam a formar a personalidade da criança, ao passo que integram conteúdos fantásticos e enriquecedores, que tratam de conflitos, desejos, medos e apresentam meios de solucionar esses conflitos. Por isso, os contos se tornam tão importantes e têm grande impacto na Educação Infantil.

Ainda é necessária uma maior valorização dos contos de fadas, considerando a sua importância no desenvolvimento das crianças. Identificou-se que existiu uma maior valorização dos contos de fadas pelos educadores do que pelos familiares e/ou responsáveis pelas crianças que participaram da pesquisa, quando comparada com a valorização dos campos de Linguagem, Matemática e Artes. Muitos consideram que o objetivo mais importante na Educação Infantil é a alfabetização das crianças, que elas saiam dali sabendo ler, escrever e contar, ou seja, o ensino se limitaria a conhecimentos específicos de português e matemática.

De acordo com a minha experiência na Educação Infantil, na cultura brasileira, espera-se que as crianças conheçam todo o alfabeto, copiem as lições do quadro direitinho e saibam escrever o seu nome completo, com letra bonita. Pouco se tem trabalhado sobre o

desenvolvimento dos seus sentimentos; ensinamos pouco as crianças a saber conversar para resolver conflitos, a serem solidárias umas com as outras e a cuidar do ambiente. Talvez, seja por isso que hoje existem tantos adultos que sofrem e não conhecem suas próprias emoções.

A escola também é lugar de brincar, fantasiar, imaginar, amar, fazer amigos, conviver. Consideramos que os objetivos da Educação Infantil se referem ao desenvolvimento integral das crianças, incluindo o desenvolvimento da sua personalidade e da sua socialização. Os contos de fada se mostram importantes mediadores nessa perspectiva.

Na Educação Infantil, a criança age ativamente na escola, transformando-o e sendo transformada. A compreensão sociohistórica da criança enfatiza que o seu desenvolvimento se articula com as práticas culturais das quais ela participa, em um dado contexto e em um determinado tempo, por exemplo, com os contos de fada, durante os anos em que estão na escola.

É preciso trabalhar a temática dos contos de fada constantemente e inseri-la nas outras áreas da Educação Infantil, por exemplo, nas áreas da Linguagem e das Artes. Esperamos que a pesquisa possa contribuir para uma maior valorização de atividades pedagógicas que usam contos de fada como metodologia de promoção do desenvolvimento integral das crianças.

Considerando que a escola pesquisada valoriza bastante os contos de fada, sugere-se que seja avaliada a possibilidade de ampliar as “Horas do Conto” no cotidiano pedagógico. Na escola, a atividade é realizada apenas 3 vezes por semana e com duração de 30 minutos, como a última atividade do dia. No entanto, é necessário que os familiares e/ou responsáveis também compreendam o desenvolvimento infantil de um modo integral, para além da cognição e de conteúdos escolares.

As análises aqui apresentadas foram feitas prioritariamente a partir da leitura de Vygotsky, incluindo “Formação Social da Mente” (VYGOTSKY, 2007a), “Pensamento e Linguagem” (VYGOTSKY, 2007b) e “Criação e Imaginação na Infância” (VYGOTSK, 2009), e de autores que utilizam as ideias sociohistóricas como fundamentação epistemológica e metodológica, apresentados ao longo de todo o texto.

Metodologicamente, enquanto pedagoga é importante buscar aperfeiçoar técnicas de entrevista com crianças. Segundo Silva, Barbosa e Kramer (2005), um dos desafios metodológicos para a pesquisa com crianças é trazer a riqueza da/na discursividade para o texto científico. Como tínhamos a limitação de não poder registrar a imagem das crianças, por conta do contrato padrão da escola com os familiares e/ou responsáveis, sugere-se que outros estudos

possam integrar outros indicadores empíricos, como fisionomias, silêncios, mudanças de posturas e movimentações das crianças no ambiente.

Conforme preconizado por Aguiar e Ozella (2006), para uma análise adequada ao olhar sociocultural, é importante que as questões de uma situação particular sejam inseridas em um contexto mais amplo, que considere dimensões sociais e políticas, almejando identificar a gênese de alguns fatos históricos e sociais que contribuem para a emergência de determinados sentidos e significados. Nessa direção, sugere-se, para futuros desdobramentos desta pesquisa, maior aprofundamento das análises, por exemplo, explicitando contradições e ideologias escamoteadas e relacionando os diferentes núcleos de significação com as experiências da infância contemporânea e dados da realidade política, econômica, social e cultural concreta existente na nossa sociedade (tais como condições sociais, ideologias, condição de classe, gênero).

Um caminho para isso é trabalhar os contos de fada de modo crítico nas escolas, ao passo que ali, tradicionalmente, costumam existir: padrões idealizados de beleza/bondade e feiura/maldade; estereótipos de gênero; distribuição desigual de papéis sociais entre personagens masculinos e femininos; além de preconceitos e discriminação de personagens que fogem a padrões sociais ou pertencem famílias com arranjos diversos (ex; madrasta cruel com a enteada). Para o futuro, sugere-se que os contos de fadas possam ser utilizados em situações pedagógicas criativas e que desconstruam preconceitos e discriminações, em busca de uma escola inclusiva e diversa.

Como educadora, pretendo trabalhar na Educação Infantil. Por mais que eu já tenha feito estágio em outras competências da educação, por exemplo, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o meu apreço é pela Educação Infantil. Eu pretendo trabalhar na área pública e conciliar toda a teoria que aprendi na Universidade com a prática, levando em conta os estágios que realizei e as vivências experimentadas.

Pretendo combater a visão reducionista de que escola é lugar apenas de aprender a “ler e escrever”. Usando os contos de fadas como proposta pedagógica, espero fazer com que os meus alunos, todos aqueles que por mim passarem, possam verdadeiramente se empoderar, tornando-se pessoas críticas e ativas na sociedade.

Finalizo o meu Trabalho Final de Conclusão de Curso com uma frase de Albert Einstein, que fala sobre a imaginação e o livro:

“A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro”. (Albert Einstein, 1931).

Desejo que possamos sempre imaginar e sonhar, desenvolvendo, assim, uma infinidade de histórias para viver e contar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Karine Simões. **O Conto de Fadas Contemporâneo na Tradução para o Cinema de Animação: The Tale of Despereaux**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2016.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. **Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos**, São Paulo, p. 222-245, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira** – LDB nº 9394/1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**, v.2, nº1, p.144-152, 2012.

CARLO, Gustavo; KOLLER, Silvia H. **Desenvolvimento Pró-Social em Crianças e Adolescentes: Conceitos, Metodologias e Pesquisas no Brasil**, Rio Grande do Sul, v.14, nº2, p.161-172, 1998.

CRISTO, Andreia de. **Psicologia e a Magia dos Contos na Terapia realizada no Sus**, 2013. Comunicação em Blog. Acesso em: 28/10/2016. Disponível em: <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/psicologia-e-a-magia-dos-contos-na-terapia-realizada-no-sus>

EINSTEIN, Albert. **Sobre Religião Cósmica e Outras Opiniões e Aforismos**. Nova Iorque: Editora Covici-Friede. 1931

FARIAS, F. R. A.; RUBIO, J. A. S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v.3, n.1, 2012.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KOLLER, Sílvia Helena; BERNARDES, Nara M. G. Desenvolvimento moral pró-social: Semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 2, n. 2, p. 223-262, 1997.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

MENDES, Ana Clara M. **Oficina Lúdica e Mediação Estética na Formação Continuada de Psicólogos Escolares**. Brasília: Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2011.

SILVA, Juliana Pereira; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. **Perspectiva. Revista do Centro de Ciências da Educação**. V. 23. Florianópolis: Editora da UFSC, p.41-63, 2005

SOUZA, Gilcênio Vieira. **Teoria Histórico-Cultural e aprendizagem contextualizada**, 2011. Comunicação em Blog. Acesso em: 24/10/2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/gilvieira/2011/02/02/teoria-historico-cultural-e-aprendizagem-contextualizada/>

SOUSA, Ailma Batista de; OLIVEIRA, Josefa Josimere de Melo; e BEZERRA, Mayam de Andrade. As contribuições do gênero literário conto no processo de alfabetização. **Revista Acadêmico-científica Scire**, v. 09, p. 01-14, 2016.

SOUZA, Tatiana Yokoy de; BRANCO Angela Maria Uchoa de Abreu; e LOPES DE OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos. Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, v. 20, p. 357-376, 2008.

TOSTA, Cíntia Gomide. TOSTA, Cíntia Gomide. **Vygotsky e o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores**, Minas Gerais, v.16, nº1, p.57-67, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

APÊNDICES

Apêndice A–Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- Familiares e/ou responsáveis

TERMO DE CONSENTIMENTO

Querida Família,

Meu nome é Calígean Mesquita e estou me formando no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Eu estou desenvolvendo uma pesquisa, sob supervisão da Profa. Dra. Tatiana Yokoy, com o objetivo de compreender melhor a importância dos contos de fada para o desenvolvimento das crianças.

No mês de outubro de 2016, na semana em que se comemora o Dia das Crianças, será realizada a semana do Projeto “Resgatando os Contos de Fada”. Uma das atividades dessa semana é a realização da “Hora do Conto”, que já faz parte da grade horária da escola e acontece três vezes por semana. Nessa atividade, as crianças desenvolvem uma série de benefícios cognitivos e sociais, por meio da participação em roda em que são narrados diversos contos de fadas.

Para a sistematização da minha pesquisa, gostaria de contar com o seu apoio e a sua autorização para que eu registre o áudio das rodas da “Hora do Conto”. Ressalto que as identidades e as imagens das crianças serão totalmente preservadas em todas as fases do estudo e que não há nenhum risco em participar da pesquisa. Eu mesma irei transcrever o áudio das rodas de contação de histórias.

Se houver alguma dúvida em relação à pesquisa ou desejar maiores esclarecimentos, disponibilizo o meu email para contato: caligean.unb@gmail.com.

Se você estiver de acordo que a criança participe da pesquisa, por gentileza, peço que assine no campo abaixo.

Desde já, agradeço seu interesse e a sua valiosa contribuição nesse estudo, que pode contribuir para melhorias no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Pesquisadora: Calígean Mesquita

Assinatura: _____

Participante: _____

Assinatura do participante: _____

Apêndice B – Roteiro de contos

Conto 1) A Bela e a Fera

Era uma vez um jovem príncipe que vivia no seu lindo castelo. Apesar de toda a sua riqueza ele era muito egoísta e não tinha amigos.

Numa noite chuvosa recebeu a visita de uma velhinha que lhe pediu abrigo só por aquela noite. Com um enorme mau humor ele se recusou a ajudar à velhinha. Porém, o que ele não sabia é que aquela velhinha era uma bruxa disfarçada, que já ouvira diversas histórias sobre o egoísmo daquele jovem príncipe.

Indignada com a sua atitude, ela lançou sobre ele um feitiço que o transformara numa fera horrível. Todos os seus criados haviam se transformado em objetos. O encanto só poderia ser desfeito se ele recebesse um beijo de amor.

Enquanto isso, numa vila distante dali, vivia um vendedor com sua filha chamada Bela. Eles eram pobres, mas muito felizes. Bela adorava livros, histórias, vivia a contá-las para as crianças da vila. Seu pai, Maurício, era comerciante e viajava muito comparando e vendendo seus produtos diversos.

Um dia voltando de uma longa viagem, Maurício foi pego de surpresa por uma forte tempestade, passou em frente a um castelo que parecia abandonado e resolveu pedir acolhida. Bateu à porta, mas ninguém o atendeu. Como a porta do castelo estava aberta resolveu entrar para se proteger da chuva. Acendeu a lareira e encontrou uma garrafa de vinho sobre a mesma. Após bebê-la acabou adormecendo.

No dia seguinte uma Fera furiosa apareceu diante dele. Quis castigá-lo por invadir o seu castelo e assim, o fez prisioneiro. A Fera decretou ao velho comerciante que este morreria por tal invasão. Aterrorizado, o pobre homem suplicou: “Deixa que me despeça da minha filha”.

A Fera concedeu-lhe o pedido. De volta a sua casa, contou o ocorrido a sua filha. Sem medo, ela decidiu voltar ao palácio com o pai.

Uma vez no palácio da Fera, Bela tomou coragem e fez uma proposta: “- Deixa meu pai ir embora. Eu ficarei no lugar dele”.

A Fera concordou, e o pobre comerciante foi embora desolado.

A jovem permaneceu com a Fera no castelo, mas não era mantida na prisão, podia ficar em um quarto ou na biblioteca, local que muito a agradava. Bela tinha medo de morrer, mas percebia que a Fera a tratava bem a cada dia que passava.

Com o passar do tempo o monstro e a Bela foram ficando mais amigos. Ele se encantava com a forma que a moça via o mundo, as pessoas a natureza. Sentia que ela o via de uma forma diferente, além da sua aparência.

A Fera enfim havia se apaixonado, de verdade. Numa noite, ao jantarem, pediu-a em casamento. Bela não aceitou, mas ofereceu sua amizade. Apesar da tristeza, a Fera, aceitou o desejo da Bela.

Bela, por sua vez, passava dias muito agradáveis no castelo, sentia-se bem lá, porém com muitas saudades do seu pobre pai. Certo dia, Bela pediu permissão à Fera para visitar o seu pai. - Voltarei logo - prometeu.

A Fera, que nada lhe podia negar, a deixou partir. Bela passou muitos dias cuidando de seu pai, que estava doente, tinha envelhecido de tristeza pensando que tinha perdido a filha para sempre.

Quando Bela retornou ao palácio, encontrou a Fera no chão meio morta de saudade por sua ausência. Então Bela soube o quanto era amada. Bela se desesperou, também sentia um algo forte pela Fera. Amizade, amor compaixão. - Não morras, caso-me contigo - disse-lhe chorando.

Comovida, a Bela beijou a Fera. E nesse momento o monstro transformou-se num belo príncipe. Enfim, o encanto havia se desfeito. A Fera encontrou alguém que o amava de verdade, além da sua aparência feia e assustadora que causava medo.

Afinal, a verdadeira beleza está no coração.

Conto 2) Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma linda menina chamada Chapeuzinho Vermelho. Certo dia, sua mãe pediu que ela levasse uma cesta de doces para a sua avó que morava do outro lado do bosque. Chapeuzinho Vermelho estava caminhando pelo bosque quando encontrou o Lobo.

- Aonde vai, Chapeuzinho? Perguntou o Lobo.
- Na casa da Vovó levar uma cesta de doces. Respondeu Chapeuzinho.
- Muito bem, boa menina! Por que não leva flores também?

Enquanto Chapeuzinho colhia as flores, o Lobo correu para a casa da Vovó. Bateu a porta e, imitando a voz de Chapeuzinho Vermelho, pediu para entrar.

Assim que entrou, deu um pulo e devorou a Vovó inteirinha. Depois colocou a touca, os óculos e se cobriu, esperando Chapeuzinho.

Quando Chapeuzinho chegou, o Lobo pediu para ela chegar mais perto.

- Vovó, que orelhas grandes! Disse Chapeuzinho.
- É para te ouvir melhor. Disse o Lobo.
- Que olhos enormes, Vovó!
- É para te ver melhor.
- Que nariz comprido!
- É para te cheirar.
- E essa boca, vovozinha? Que grande!
- É pra te devorar!!!.

Então, o Lobo pulou da cama e correu para pegar Chapeuzinho.

Um lenhador, que passava perto da casa, ouviu o barulho e foi ver o que era.

O Lobo tentou fugir, mas o lenhador atirou e matou o Lobo.

Chapeuzinho apareceu e disse que o Lobo havia engolido a Vovó.

O lenhador abriu a barriga do Lobo e tirou a Vovó, sã e salva.

Elas foram felizes para sempre!

Conto 3) O Gato de Botas

Era uma vez... um moleiro que tinha três filhos. Um dia, chamou-os para lhes dizer que ia repartir entre eles todos os seus bens. Ao mais velho, deu o moinho. Ao do meio, deu o burro. E ao mais novo, deu o gato.

O filho mais novo ficou muito triste porque o pai não tinha sido justo para com ele. Mas, surpresa das surpresas, o gato começou a falar!

- Dá-me um saco e um par de botas.

O rapaz ficou muito espantado e obedecendo ao pedido do gato no dia seguinte, lá foi comprar um saco e umas botas.- Aqui estão, meu amigo! disse ele.

O gato calçou as botas, pegou no saco e lá foi floresta fora. Como era muito esperto, não demorou muito a apanhar uma lebre bem gordinha, que a pôs dentro do saco

Com o pesado saco às costas, o gato dirigiu-se ao castelo do rei e ofereceu-lhe a lebre, dizendo: - Majestade, venho da parte do meu amo, o marquês de Carabás. Trago-lhe esta linda lebre de presente.

O rei ficou muito impressionado e contente com aquela atitude e disse: - Diz ao teu amo que lhe agradeço muito!

Daí em diante, o gato repetiu aquele gesto várias vezes, levando vários presentes ao rei e dizendo sempre que era uma oferta do seu amo.

Um dia, diz o gato a seu amo: - Senhor, tome banho neste rio, que eu trato de tudo.

O gato esperou que a carruagem do rei passasse junto ao rio onde o seu amo tomava banho e pôs-se a gritar: - Socorro! Socorro! O meu amo, o marquês de Carabás, está a afogar-se! Ajudem-no!

O rei mandou logo parar a carruagem e ajudou o marquês, dando-lhe belas roupas e convidando-o a passear com ele e com a filha, a princesa, na carruagem real. O gato desata então a correr à frente da carruagem. Pela estrada fora, sempre que via alguém a trabalhar nos campos, pedia-lhes que dissessem que trabalhavam para o marquês de Carabás.

O rei estava cada vez mais impressionado!

O gato chega, por fim, ao castelo do gigante, onde todas as coisas eram grandes e magníficas. O gato pede para ser recebido pelo gigante e pergunta-lhe: - É verdade que consegues transformar-te num animal qualquer?

- É! - disse o gigante.

Então, o gato pede-lhe que se transforme num rato. E assim foi.

O gato, que estava atento, deu um salto, agarrou o rato e comeu-o.

O rei, a princesa e o marquês de Carabás chegam ao castelo do gigante, onde são recebidos pelo gato: - Sejam bem-vindos à propriedade do meu amo!- diz o gato.

O rei nem queria acreditar no que os seus olhos viam: - Tanta riqueza! Tem que casar com a minha filha, senhor marquês –diz o rei.

E foi assim que, graças ao seu gato, o filho de um moleiro casou com a princesa mais bela do reino.

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para entrevista- professora e coordenadora pedagógica

TERMO DE CONSENTIMENTO

Cara Professora/ Coordenadora Pedagógica,

A Sra. está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa que eu, Calígean Mesquita, estou desenvolvendo sob a supervisão da Profª. Dra. Tatiana Yokoy, com o objetivo de compreender melhor a importância dos contos de fada para o desenvolvimento infantil, como parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia.

Para isso, será muito importante a sua contribuição por meio de uma entrevista, agendada conforme a sua conveniência. A entrevista possui a duração estimada de 30 minutos, seguirá um roteiro semiestruturado de perguntas e será gravada. O áudio será transcrito por mim e eu me comprometo a tratar o material da pesquisa de modo ético e sigiloso. Asseguramos o anonimato da sua identidade e da instituição em que você atua, em todas as fases do estudo, preservando sua privacidade, segurança e conforto em participar da pesquisa.

Se houver alguma dúvida em relação à pesquisa ou desejar maiores esclarecimentos, disponibilizo o meu email para contato: caligean.unb@gmail.com.

Este Termo de Consentimento é redigido em duas vias, sendo uma para você e a outra para a pesquisadora.

Desde já, agradeço seu interesse e a sua valiosa contribuição nesse estudo.

Nome da pesquisadora: Calígean Mesquita _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Apêndice D – Roteiro de entrevista- professora

Roteiro de Entrevista Semiestruturada para Professora de Educação Infantil

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome fictício/codinome _____ Idade _____
 Graduação em _____ Instituição _____ Ano de conclusão curso _____
 Pós-graduação: _____
 Tempo de atuação na Educação Infantil _____
 Histórico profissional prévio _____

ROTEIRO

- De acordo com o que eu tenho estudado, a narração de contos de fada é a parte da socialização das crianças na nossa cultura, em diversos contextos educativos, como a família e a escola. Na sua opinião, quais são as principais contribuições que os Contos de Fada têm para as crianças?
- Aqui na escola, existe a prática da “Hora do Conto” no nosso cotidiano pedagógico. Gostaria que você comentasse do que se trata a “Hora do Conto”.
- Com que frequência os Contos de Fada são lidos para as crianças?
- Com quais objetivos os Contos de Fada são trabalhados em sala?
- Há atividades descritivas relacionadas diretamente aos Contos de Fada?
- Do seu ponto de vista enquanto professora, como você prepara um Conto para narração?
- Como as crianças se envolvem durante a narração do Conto?
- Você teria algum exemplo do cotidiano em que você já percebeu que existem mudanças na subjetividade das crianças após participarem da narração de Contos de Fadas?
- Como é a percepção dos familiares sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento das crianças? Eles apoiam ou criticam a narração dos contos de fada?
- Com base na sua experiência ou nas atividades que são realizadas na Educação Infantil, você teria algum outro exemplo de prática pedagógica além da “Hora do Conto” que emprega os contos de fada para a promoção das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças para contar?
- Se você fosse dar um conselho para alguém que vai iniciar o trabalho com narração de Contos de Fadas, o que você diria a esta pessoa?
- Se você fosse sintetizar em uma palavra o que é trabalhar com Contos de Fadas, qual palavra seria essa?
- Você acha que ficou algo da sua experiência sobre o tema fora da entrevista e que você gostaria de relatar ou de complementar?
- Como você se sentiu falando das suas experiências?

Apêndice E – Roteiro de entrevista- coordenadora pedagógica

Roteiro de Entrevista Semiestruturada para Coordenadora Pedagógica em Educação Infantil

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome fictício/codinome _____ Idade _____
 Graduação em _____ Instituição _____ Ano de conclusão curso _____
 Pós-graduação: _____
 Tempo de atuação na Educação Infantil _____
 Histórico profissional prévio _____

ROTEIRO

- De acordo com o que eu tenho estudado, a narração de contos de fada é a parte da socialização das crianças na nossa cultura, em diversos contextos educativos, como a família e a escola. Na sua opinião, quais são as principais contribuições que os Contos de Fada têm para as crianças?
- Aqui na escola, existe a prática da “Hora do Conto” no nosso cotidiano pedagógico. Gostaria que você comentasse do que se trata a “Hora do Conto”.
- As crianças têm fácil acesso há livros infantis na escola?
- Como a Literatura Infantil se integra ao Projeto Político Pedagógico da escola?
- Do seu ponto de vista enquanto coordenadora, como você compreende a importância do trabalho com os Contos de Fada na escola? Quais estratégias institucionais se associam a esta importância?
- Na sua opinião, o que mais poderia ser feito para que os Contos de Fada tivessem ainda mais espaço na escola?
- Como é a percepção dos familiares sobre a importância dos contos de fada para o desenvolvimento das crianças? Eles apoiam ou criticam a narração dos contos fada?
- Você teria algum exemplo do cotidiano em que você já percebeu que existem mudanças na subjetividade das crianças após participarem da narração de Contos de Fadas?
- Com base na sua experiência ou nas atividades que são realizadas na Educação Infantil, você teria algum outro exemplo de prática pedagógica além da “Hora do Conto” que emprega os contos de fada para a promoção das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças para contar?
- Se você fosse dar um conselho para alguém que vai iniciar o trabalho com narração de Contos de Fadas, o que você diria a esta pessoa?
- Se você fosse sintetizar em uma palavra o que é trabalhar com Contos de Fadas, qual palavra seria essa?
- Você acha que ficou algo da sua experiência sobre o tema fora da entrevista e que você gostaria de relatar ou de complementar?
- Como você se sentiu falando das suas experiências?